FUNDAÇÃO ANSELMO LOURENÇO

ANARQUISMO BÁSICO

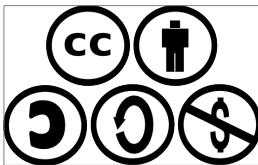
TRADUÇÃO: BARRICADA LIBERTÁRIA
DANÇAS DAS IDÉIAS

Para defender os interesses da classe dominante e evitar que o povo se subleve, o Capitalismo usa a organização policial-militar e de controle do pensamento do Estado, e de outros meios de controle social. Os ricos se defendem das petições, das exigências e das expropriações dos pobres mediante o Estado. O aspecto econômico do sistema capitalista não será estudado aqui porque seria extenso demais. Basta saber no momento que o que se chama soberania nacional não passa de bobagem, porque o mundo está dominado neste momento por uma boa parte de organizações supranacionais como o Banco Mundial, o GATT, o Fundo Monetário Internacional, a Trilateral, o Grupo dos Sete, etc, que marcam em grande medida a política dos Estados. E, em geral, o conjunto é uma imensa maquinaria em que as pessoas conhecem mas pouco. Cada qual (governante, banqueiro ou plutocrata) ocupa uma posição e a trabalha conforme requer o sistema. E se desaparece X, imediatamente Y o substitui e tudo se mantém, igual. Saiba que ainda que neste livro falamos muito sobre o Estado, não penses que é ele que exerce solitariamente a dominação. O Estado é só um fator muito importante de um jogo muito complexo. É ele quem dispõe do aparato de controle de pensamento, e de destruição das dissidências. Se apoio em muitos outros fatores.

Fundação Anselmo Lourenço

Anarquismo Básico
(1ª Parte)

Fundação Anselmo Lourenço

Danças das Ideias
Barricada Libertária
2013

A Fundação de estudos libertários Anselmo Lorenzo é um órgão da Confederação Nacional do Trabalho (Espanha), dedicado para ambiente cultural. Suas motivações principais são:

-Ser o arquivo histórico da CNT e centro de documentação libertário, contando também, com uma importante biblioteca, fundos audiovisuais, imprensa histórica, etc.

-A difusão cultural libertária, atendendo a edição e distribuição de livros, montagem de exposições, participação em conferências e outros encontros, etc.

Desta segunda faceta se publicam diversas obras sobre a história , o estudo e a atualidade do anarquismo e das ideias anarquistas.

Nesta reedição do “Anarquismo Básico” foi revisada, atualizada e ampliada os conteúdos da obra anterior, cuja a primeira edição publicação já faz doze anos. Apresenta-se um texto que pode ser tomado como ponto de partida no conhecimento das ideias anarquistas, uma aproximação à elas, mas nunca como uma obra definitiva.

É a “Anarquia” quem nos fala em primeira pessoa, nos explica a origem do Poder, do sistema capitalista, dos entes que os resguardam e reafirmam (leis, policia, políticos, religiões...); e se nos apresenta, e assim é, como a única saída possível ao caos social em que nos estamos imersos. De igual maneira, a Anarquia nos expõe aos modos de entende-la e leva-la a prática que faz com que quem as conhecem não conseguem abandonar a paixão pela liberdade que infunda.

“Anarquismo básico” é um convite a participação de quem o lê na lura por um mundo de homens e mulheres livres e iguais.

2010, ano que se edita este texto, se comemora o Centenário da fundação da CNT, organização anarcossindicalista a que se refere a Anarquia no livro e pelo que leva lutando em seu século de existência.

Primeira Parte

O Poder

Poder e Força

Ola, como está? Sou o Poder. Me fiz com o controle da espécie humana faz 5000 anos aproximadamente, quando criei o primeiro Estado. Não haveria perguntado nunca que sou eu na realidade? Pois o Poder é a capacidade que tenho de obrigar os demais a que façam o que eu quero, apesar de la resistência que possam opor-me. Ter Poder significa, que possuo a faculdade de impor-me, anular, castigar, ou eliminar os dissidentes... Para isso posso valer-me da violência física, da emboscada, da ameaça, do medo, da injuria, da burla, da calunia, da coação religiosa, psíquica ou moral, do isolamento... Todos esses meios de repressão buscam a destruição da resistência, que perde assim, respeito, meios econômicos, autoestima, bem estar, segurança e liberdade principalmente. Com isso consigo o submetimento a minha vontade, da pessoa ou grupo reprimido. Se não sucede isto, procedo a exclusão, a marginalização ou o aniquilamento de quem dissinta. Isso elimina à quem me opõe, e da uma lição aos que assistem passivos, modificando assim seu comportamento. A lição te explica que submeter-se te permite sobreviver ou prosperar, e que a desobediência leva a destruição. Portanto, prêmio e castigo são minhas armas. Meus métodos podem ser bastante destrutivos e causar muita dor. Mas não sou tão desagradável como pude parecer. Antes de empregar a violência, procuro que a população se submeta por meio da autoridade.

Autoridade

A autoridade é a capacidade que tenho de que minhas ordens sejam obedecidas. sem necessidade de empregar a violência. A autoridade pode basear-se no costume e na tradição: se me obedece porque sempre foi assim e assim se inculcou. Ou na burocracia e suas normas: se faz o que eu digo, porque assim está disposto e escrito. Ou em meu carisma, que me mostra como um ser extraordinário que merece acatamento. Ou em meu saber indiscutível... Mas sobre tudo funciona graças a um conjunto de

instituições de controle de pensamento, que faz que minhas decisões sejam assumidas pelo gênero humano como indiscutíveis, racionais, normais e sagradas, na base de minha superioridade, conhecimento e clarividência. Também emprego - por que não? -, o controle dos sentimentos e do amor, e minha capacidade de persuasão. Só uso a violência, - que é o que realmente me mantém no final - , se o considero imprescindível. Jamais poderia manter-me ao longo do tempo só com ela. Porque Eu preciso de vosso consentimento. Necessito inocular lenta, insensível, inconscientemente, a ideia de minha necessidade, até que chega o momento em que não me sentes, em que passo desapercebido. Porque quando me mostro em todo meu esplendor e com toda minha força é quando podes sublevar-se contra mim, já que a violência sempre acaba por produzir a resistência dos dominados.

Finalidade do Poder

Eu não realizo essa atividades porque sim. O que busco em último extremo é controlar as fontes de energia, humanas ou naturais, com vistas em conseguir privilégios, prestígios, mais Poder, ou acumulação de riqueza. É algo que me embriaga.

Não acredite que vivo somente de fuzis e baionetas. Estou no dinheiro. Estou na ideia de Deus ou de Pátria. Estou no despacho do Diretor de uma empresa. Estou nos lugares insignificantes. Cada vez que alguém se relaciona com outra pessoa pode existir Poder, intenção de obrigar a outra pessoa a que faça o que Eu quero apesar que não lhe apeteça. Mas isso é pouco coisa, não me satisfaz se a relação se dá entre iguais, a maior parte das vezes há dialogo e livre acordo..., ou até me ignoram. E isso é um asco. Eu necessito de hierarquia, mando, meios de repressão, desigualdade. Se a situação de Poder, se a relação desigual fundamentada na força se faz permanente, se apoia em uma instituição, em leis, na violência legitima (a que se percebe como direito a ser levado a realização), então é quando realmente me encontro bem e cresço.

Desde que organizei o primeiro Estado faz cinco milênios na Suméria - que trabalho me deu - nada tem podido comigo. Até então estava repartido por toda sociedade, também existia, mas com menos potência do que

agora, já que donde todos tem mais ou menos a mesma força, nada pode prevalecer sobre o outro. Nesse caso, o poder significa capacidade para fazer algo, possibilidade de... qualquer um pode. Quando esse poder entendido como capacidade se agrupa nas mãos de alguns poderosos, é quando nasce o Poder com capacidade coativa. Por isso gosto tanto do Estado, porque onde ele impera, há uma sociedade dividida entre os que mandam e o que obedecem, entre os que governam e os que são governados.

Agora nada me enfrenta seriamente, todos acreditam normal que uns mandem e outros obedeçam... Salvo a anarquia, mas de verdade, no momento não me preocupa. Agora está débil. E no mais, Eu não poderia existir sem ela. Onde existe Poder tem que existir anarquia e resistência. Essa é minha sina: que sempre, cedo ou tarde, levanto os insurretos.

A anarquia contra o Poder

Eu sou a anarquia. Eu lhe dou minhas boas-vindas a este livro. Vou intentar a explicar-lhes muito esquematicamente que a vida que levas pode ser organizada de outra maneira. Para isso vou me valer de ideias denominadas anarquismo. O anarquismo questiona e nega o Poder e a Autoridade. Afirma rotundamente que é possível a vida sem essas abstrações. A única acepção válida para o anarquismo de autoridade é a que emprega essa palavra como sinônimo de ter competência, experiência ou habilidade. E também posso aceptar o poder como sinônimo de possibilidade de levar a término algo pela margem do submetimento de outras pessoas .

Para que compreendas que possas intentar prescindir do Poder, renunciar a dominação, organizar a sociedade sem necessidade de que exista coação nem violência... Ou pelo menos que seria possível reduzir tais fatores, e que eu, a anarquia, posso ser vossa musa, vossa inspiração, vamos retornar aos tempos prévios a aparição dos primeiros Estados. A reconstrução de como vivíamos nos leva até mais de 50.000 anos, e se realiza mediante estudos que mostram por boa suposição de que as atuais sociedades que vivem em níveis de bandos reproduzem aproximadamente o que sucedia naquelas épocas. Não quero idealizá-los a vida desses povos.

Seus costumes são muito diferentes segundo qual se trate, e alguns muitas vezes muito questionáveis. Tampouco estou propondo que voltem aos tempos que já passaram. Mas entendo que se desvelamos que forma e que jeito ocorreu a instauração do Poder e a dominação, poderão livrar-se dele e organizar a vida debaixo do signo da liberdade e da utopia. Agora vou mostrar-lhes muito brevemente a estrutura política de um dos chamados povos não estatais.

A vida sem Estado

Somos um bando sem estado formado por umas 20 ou 40 pessoas, sem assentamento fixo, sem chefia, sem propriedade privada. Ainda temos alguns bandos que mantém uma vida forrageira nesta sociedade moderna, condenados a desaparecerem. Vivemos da coleta de alimentos silvestres e da caça. Nossa sociedade é das chamadas igualitárias.

As razões são simples: não podemos ter propriedades, pois temos de carrega-las em nossos ombros. Nossos utensílios são dos materiais retirados do terreno. Deles (madeiras, pedras, fibras vegetais) obtemos todo equipamento que precisamos. Não necessitamos armazéns, já que vivemos mais ou menos para o dia. A totalidade do grupo conhece o necessário para sobreviver e só temos de tomá-los da natureza. As ferramentas estão a disposição de qualquer um. A população é pequena e a terra grande. Homens e mulheres temos direitos similares, mesmo que realizemos tarefas diferentes. Não há chefia, porque nada em sã consciência obedece a quem não dispõe de Poder. O apoio mútuo e a reciprocidade são a base de nossos intercâmbios, e nosso seguro de vida nos tempos ruins. Se aparece alguém com as tendências de mandar, para evitar recrutamentos, impostos e opressão, o ignoramos ou o matamos. E se quem aspira a chefia é demasiado forte ou hábil, nos saímos e formamos outro bando.

Lideres

Assim estavam as coisas. O que foi que fez umas pessoas dominassem outras? Não se trata de um cargo hereditário nem imutável. De surgir situações em que outra pessoa seja mais competente, está suscetível para

um líder. Durante mil anos assim se sucedeu a vida, e no que se refere a liberdade, as sociedades caçadoras-coletoras de baixa densidade de população gozaram de liberdade política, de independência e do ócio superiores aos que se desfruta hoje em dia, qualquer trabalhador em uma sociedade democrática do mundo capitalista. Então, por que se saltou para o Estado?

SURGEM OS EXCEDENTES E OS ESPECIALISTAS

O Estado apareceu porque o aumento de população e o esgotamento de recursos fizeram que algumas culturas humanas desenvolvessem novas tecnologias tendentes a aumentar a produção, como a agricultura e a criação de animais. Se acumularam excedentes alimentícios nas boas temporadas, e se criaram assentamentos permanentes. Se pode assim manter especialistas que podiam dedicar-se a realizar uma só função sem preocupar-se da subsistência cotidiana.

Nalgumas sociedades igualitárias que todos compartilham, os excedentes de produção são entregados por próprio vontade a quem exerce chefia, para que os guarde e se encarregue de sua distribuição nas épocas ruins, ou para organizar festas e banquetes. Quem redistribui adquire fama na base de organizar grandes festivais coletivos e oferecer presentes, guardando para si o pior.

Qual é a causa desta atitude? O prêmio dos lideres e redistribuidores é o prestígio. Esta gente tem uma grande ânsia de aprovação social, determinada pelo que parece ser a herança genética e por experiências e frustrações infantis, e não tem reparo em trabalhar duro para receber o respeito da população. É uma explicação biológica e psicoanálise muito discutível, mas aqui há sentido.

O problema para a gente normal, surge quando quem redistribui passa a obter Poder. Os redistribuidores não são só pessoas ativas, generosas, eloquentes, organizadoras e trabalhadoras. Também podem ser pessoas muito agressivas que usam sua capacidade oratória para organizar guerras, raptos de mulheres e saques contra populações vencidas. A base da desigualdade entre humanos, e o domínio dos homens sobre as mulheres, tem uma possível origem na guerra. O maior número de incursões bélicas se valorizam os varões agressivos e o menosprezo da mulher.

A este respeito, as escassas mulheres que exercem Poder adotam

sempre os valores que se consideram normais em um varão coativo, e se comportam como se esperaria de um homem. Do que não temos provas de nenhum tipo, é que tenha existido sociedades matriarcais nas quais as mulheres como gênero opressor dos homens e nas que os homens tivessem menos direitos que as mulheres.

CHEFIAS

Assim, por meio da guerra, lideres que em um princípio não gozavam de capacidade coercitiva, acumulam alimentos não perecíveis com o que premiam em primeiro lugar a seus sequazes por sua fidelidade e valor em combate. Adquirem Poder. Vivem de forma suntuosa e complicada, na melhor fazenda, com as melhores refeições, rodeados de esposas e guarda-costas. Surgem os chefes, gente que manda e é obedecida relutantemente. Atenção aos pequenos chefes secundários! Geralmente podem ser piores que o próprio chefe: tramam nas alcovas, conspiram, traem, roubam, assassinam, se enriquecem e empregam como pano de fundo para suas ações diante do mandatário ao qual se mostra prestativo, mas só serve a seus interesses. Total, que se tem organizado uma chefia, e o que antes se entregava de forma voluntária para sua distribuição coletiva, se converte em tributo obrigatório. Mas ainda não se formou o Estado, o que é algo mais estável, amplo e repressivo.

A aparição do Estado

Do passo da chefia ao Estado se produzirá - ao que tudo perece -, quando se dão as três circunstâncias: a primeira é que a população aumenta muito mais (uns trinta mil habitantes já são o suficiente); a segunda pe que a chefia conta com um excedente alimentício não perecível (cerais, tubérculos ...) em seus armazéns com o que pode alimentar a uma força policiada e uma burocracia; a terceira condição é que a população tem que estar limitadas por desertos, montanhas, mares..., quem impeçam que possa fugir o povo. Porque muitas chefias que intentaram converterem-se em Estados, que foram destruídas pela cidadania em revolta em que se invocavam a liberdade, ou caíram sem o pessoal para dominar por uma fuga em massa ou exílio. Em suma, que o Estado é algo que se impõe finalmente a população contra sua vontade.

Estas condições para aparição do Estado Primitivo se deram pela primeira vez no Oriente faz uns 5.000 anos, na Suméria, atualmente Iraque. Os camponeses sumérios tinham desenvolvido uma completa tecnologia de canais e campos de cultivos. Quando chegou o ministério da Fazenda recolhendo o grão e seus soldados oferecendo sua proteção contra os bandidos, foram incapazes de fugir para as montanhas e seguir um estilo de vida que não tinham costume, e não podiam carregar os campos e canais nos ombros. A aparição do Estado é, entre outras coisas, um fenômeno mafioso. O bando de bandoleiros mais violento e eficaz, fundou a primeira dinastia de governantes.

Como Estado se institucionaliza a estratificação social, governantes e governados, o Poder e a dominação, a marginalização da mulher, a desigualdade econômica, a lei e a propriedade privada entre muitos outros desastres. Porque esses saqueadores, esses apadrinhadores, uma vez com o poder e eliminam a concorrência. se voltam de imediato legalistas, filantropos, moralistas, negociantes honrados, fazem caridade, estradas, censo, obras públicas, e começam a difundir justiça. Na realidade, o chefe bandoleiro comprova que é o melhor negócio extorquir de maneira legal, mantendo o monopólio da repressão. É mais trabalhoso, menos estético, mais perigoso e menos rendável assaltar uma fazenda, matar seus moradores, incendia-la e violar suas mulheres, que enviar um arrecadador que cobre imposto e comprar assim trezentas esposas.

E -como já tinha dito antes-, os lacaios secundários geralmente saem muito beneficiados. Porque se descuida, o chefe é destituído, desterrado, invadido, envenenado, apunhalado, asseteado, ou assassinado por qualquer procedimento junto com suas esposas e filhos se surge a oportunidade. Tem sempre substitutos ambiciosos pressionando por baixo. E os funcionários e vizires fixam-se em suas cadeira que nem com água fervente os tiram do lugar. Por isso capatazes, contratantes, encarregados, capos, oficiais, supervisores, administradores..., são uma verdadeira peste, merda encrustada que não há quem remova. Por exemplo: Pense em um ditador muito mau. O que poderia fazer um individuo só sem seus ordenanças, subordinados do sargento ao general, secretários, ministros, sacerdotes e verdugos? Muito pouco. Não passaria de ser - no pior dos casos - um simples assassino em série. O normal seria que se conforma-se a

atormentar sua pobre família. Mas se ao seu redor se mobilizavam uma série de indivíduos que aproveitavam diretamente do poder que ele exercia, que aproveitavam a jogada para favorecer seus interesses, e que vão se aproveitando cada vez mais daquele mando, e por isso o apoiam cada vez mais e mais. Quando morre um tirano, caem com ele os mais fanáticos, os que nele acreditavam, os que estavam mais engajados na doutrina oficial..., mas os atores secundários que se adaptam a nova situação, seguem mandando, e passam a ocupar outros cargos.

Uma vez organizados os primeiros Estados, intentam a dominar as populações adjacentes. Os únicos meios para opor-se a essa violência organizada enfrentada por esses povos, levados nas mãos de seus chefes, é a construção de organizações estatais. e edificação da opressão generalizada. Em resumo: nos invadem os vizinhos com um exército impressionante, o que fazemos? Formamos outro Estado.

O ESTADO TOTALITÁRIO

OS ESTADOS TOTALITÁRIOS GERALMENTE SE IDENTIFCAM PELA OCORRÊNCIA DE TODAS OU ALGUMAS DAS SEGUINTES CARACTERÍSTICAS:

1-Existência de uma ideologia de Estado, como um todo, como forma de estruturação da sociedade.

2-Se concebe a sociedade como um organismo vivo, de ordem superior e que é o único a ser respeitado e que tem um significado para os indivíduos e que esses tem um papel à cumprir: não há espaço para liberdade individual, nem para igualdade entre indivíduos.

3-Existe uma facção, partido, igreja..., única, burocrática e hierarquizada, na qual prosperam as elites dirigentes. Geralmente está à sua frente uma figura tradicional ou messiânica.

4-Se hipertrofia o principio de autoridade. Se exalta a obediência cega.

5-Monopólio estatal da força, as armas. É criado um corpo terrorista da policia.

6-Controle da economia, dos meios de comunicação e das fontes de energia.

7-Não se tolera a dissidência. Perseguição, repressão e aniquilamento.

8-Se potenciam valores abstratos como patriotismo, Deus, a tradição, a lealdade ao Estado... Se busca um bode expiatório, interior ou exterior. Daí que o Estado assume posturas racistas, sexistas, xenófobas etc.

9-Controle do pensamento através da religião, da policia, dos meios de comunicação.

10-Propõe um processo revolucionário que limpe da sociedade a causa de sua decadência, valores e indivíduos contrários.

O Estado é necessário?

Durante muito mais de 50.000 antes do Estado, a gente viveu de forma igualitária, homens e mulheres tinham direitos similares. Nos últimos anos a Humanidade tem sido dirigida por governantes. No atual nível de desenvolvimento podemos perguntar-nos se esta gente é necessário ou não. A chefia do Estado responderá sempre essa pergunta de forma afirmativa. Ela assegura que proporciona grandes vantagens a comunidade, porque organiza, reparte, controla, garante que não nos matemos, promove obras publicas, oferece importantes serviços... É tudo mentira. É certo que no princípio a gente se organiza para melhorar suas condições de vida, e que as pessoas especializadas em tarefas técnicas ou politicas podem ter boas ideias. Mas o preço que o povo acaba pagando é desmesurado.

O Estado Moderno. O que é o Estado?

Mas... O que é o estado? Um Estado é uma organização. Como pode ser-lo uma grupo futebolístico, uma máfia, uma igreja ou um sindicato. É muito importante entender isso. Um estado é uma organização política e administrativa, complexa, centralizada e permanente. É algo artificial, que nem sempre existiu, e que pode voltar a desaparecer. Esta organização domina a população de um território por meio do monopólio institucionalizado da violência. Todo Estado reclama para si a exclusividade da violência legítima.

Esta organização dispõe de um organograma em forma de piramide escalonada. Nessa piramide se pode ver os cargos que a ocupam. cara cargo tem umas funções, um posto na cadeia de comando e, no caso do Estado,

executa as ordens que chegam de cima. O modelo de ordenação do poder é de cima para baixo, isto é, as pessoas do escalão superior mandam suas ordens para quem está embaixo, e assim, sucessivamente, até a ordem ser cumprida.

As pessoas que dirigem o aparato do Estado se denominam governantes, e dispõem de meios letais de coação, com os que arrecadam impostos, impõe leis e obrigam a prestar serviços a gente, multam os transgressores, os encarceram... Também matam por razões do Estado. No planeta Terra há mais de duzentos Estados de todos os tamanhos que intentam exercer o controle de toda a sua superfície, ar, mar e subsolo. Todo Estado se considera legitimo, e que tem o direito de exercer a dominação para o vosso bem.

Sua finalidade é controlar-nos, servir os interesses da elite dominante, explorar-nos de forma mais efetiva, e na medida do possível acrescentar suas fronteiras e absorver outros Estados, por guerras ou destruindo suas economias.

Neste livro vou falar principalmente do Estado democrático. O Estado democrático não é outra coisa que o disfarce amável do Estado totalitário.

Sistema Democrático. Governo, Parlamento e Lei

A propaganda do sistema difunde continuamente a ideia de que este mundo é o melhor dos possíveis, que o Poder descansa no povo, e que os governos são meros garantidores da soberania popular. Asseguram que vivas em uma democracia, mas não é assim. A palavra democracia (Governo do Povo) fecha em si uma contradição insolúvel. Se existe um Governo, não é do povo que governa, mas uma minoria: a do Governo. Se é o povo que resolve seus problemas coletivamente, não existe Governo que o dirija. Não pode haver jamais um Governo do povo. Por isso se considera na atualidade a democracia como um método para designar a um Governo. A saber, que o povo não governa, e sim é governado.

Nas democracias capitalistas esta capacidade de decisão que dizem que possuem para designar os mandatários em cada quatro anos, em que se vota nas pessoas que vão cobrir os postos do Parlamento, Senado e das Câmaras. Nos dizem que esta votação representa os desejos da maioria. É

falso.

Maioria?

Uma votação democrática não representa jamais a vontade da maioria. No melhor dos casos um partido representa a três ou quatro de cada dez votantes. O normal é uma porcentagem menor. Além disso, os partidos não são homogêneos. Dentro deles existem facções internas, e dentro da facção dominante, pessoas ilustres, governantes. Por isso é sempre uma ínfima minoria que toma as decisões segundo seus próprios interesses. As eleições podem determinar algumas lideranças. Mas na prática do cargo tem que preservar os interesses do Sistema. Os diversos grupos que repartem o Poder estabelecem compromissos e chegam à acordos prévios e posteriores que não possuem relação com as eleições e com as promessas que realizam os eleitores.

Quem tem o poder?

Uma vez que se vota, não se volta a pedir a opinião da cidadania para nada. O Poder executivo passa a mãos do Governo, que fará e desfará a seu capricho. Nas eleições nem sequer se tem a opção de elege-lo. Se determina somente a composição do Parlamento. A saber, que quem vai mandar no ministério do Interior, ou da Economia, será sobre o critério da Presidência do Governo, que é nomeada pelo Parlamento. O alto escalão é designada a dedo: Governo Civil, Secretaria do Estado, as chefias das forças de ordem e de empresas públicas, Conselho Geral do Poder Judicial, Tribunal Supremo, Deputações, dezenas de milhares de cargos políticos..., não se submetem ao chamado controle democrático. O Parlamento só exerce uma função de mero tramitador, e é muito pouco importante em comparação com o distante e incontrolável Governo. Ainda que se queira, um deputado é incapaz de abarcar o cumulo de leis, informes, ordens, ditames e normas que cruzam seu nariz. É normal que os deputados não assistam a sessões ou que durmam durante os debates, ou discutam animadamente na lanchonete. A maioria passa a legislatura sem ter nenhuma ideia dos projetos de lei que vota e sua maior preocupação

consiste em apertar o botão de sim ou não, segundo o indiquem durantes as sessões. Isto não quer dizer que sejam incompetentes. Ao contrário: são espertos com diplomas de intriga e punhalada. Quem chega ali é que tem essa formação.

No mais, há que termos em conta que os Estados exercem cada vez mais o papel de gestores da política de organismos mais importantes, como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial, a OMC, a Comissão Europeia da UE... Organismos com muito poder cujos os funcionários e políticos não são eleitos democraticamente. Definitivamente, podes votar em A em vez de B, mas sua política economica vai ser muito parecida, sempre para salvar o Capitalismo, porque o caminho do poder é duro, esqueça os princípios e adere à realidade, para o possível. Isso é o que já temos.

A quem e que se vota?

A quem designa a chefia de um partido. No tempo de eleições não se elegem pessoas, mas sim partidos, ou melhor dizendo, listas elaboradas pelos chefes dos partidos em meio de cem mil facadas. Pouca democracia pode haver quando se votam organizações com uma estrutura fortemente hierárquica e autoritária, e que a gente desconhece.

Em outro aspecto, a gente não tem nem ideia em quem é que estamos votando.Deles se encarregam os aparatos de propaganda dos partidos, e os meios de comunicação, que realizam campanhas totalmente falaciosas, nas que se promete qualquer coisa que logo não se cumprirá. Sabe a população que é o faz quando vota para o PSOE ou a IU? Se lê programas reais? Se segue a atividade do partido votado? Se conhece as pessoas em que se vota? Existem meios de controle? A resposta é que não.

Enquanto são conscientes os que fazem, votam em que realmente querem? Pois não. Como lei eleitoral premia os partidos potentes, muita gente elege o mal menor, por exemplo votar para o PSOE para evitar que chegue a direita no Poder; mas que se valesse, votariam por opções mais radicais de esquerda. Mas como sabem que elegendo as opções minoritárias, seus voto não é contabilizado, preferem votar útil.

Tão pouco existe referendo posterior. O que se voto há trinta aos segue

imóvel. A Constituição Espanhola foi aprovada em 1978, e o que decidiram aquelas pessoas hipotecavam o futuro dos não nascidos. Hoje em dia, não ocorre pensar que milhões de pessoas com direito ao voto que padecem, não tem oportunidade de dizer se o querem ou não, ou se desejariam de outro modo.

Estado de exceção

Para mais INRI, em toda democracia existe o chamado Estado de Exceção, que faculta para Governo a suspender os direitos constitucionais, se considerar que corre perigo a continuidade do sistema capitalista. Se por um milagre um hipotético partido anticapitalista ganhar as eleições coma intenção de abolir o Capitalismo, o Governo ameaçado estabeleceria de imediato o Estado de Exceção, anularia as eleições e estabeleceria a Ditadura.

Sufrágio Universal?

Tão pouco o sufrágio é universal. Quem tem menos de 18 anos não vota. Não sabemos por quê, quando menor com dezesseis anos tem o direito de ir preso, à guerra, ao trabalho, etc.

Tecnocratas

O Poder não emana do Governo. O peso da tecnoburocracia na tomada de decisões é importante, e condiciona a política, tanto ou mais que o grau de acidez do estomago de quem governa. A burocracia profissional sobrevive as trocas, graças a sua condição de profissionais e especialistas. E esta gente tem um interesse fundamental, que é manter-se em seus postos.

Privilégios

A alta hierarquia separa suas pessoas das da população com uma série de privilégios. Não pode ser julgada, e as exceções confirmam a regra.

Recebem grandes salários. Viajam grátis e recebem boa alimentação. Não tem controle de jornada. Não devem responder nada de suas gestões, decisões e projetos no caso de fracasso. Levam um estilo de vida ostentoso, com grandes carros, guarda-costas, festas, escritórios suntuosos, roupas de grife, edifícios de alta tecnologia e comodidades, crediário ilimitado... Qualquer que chame isso de vontade popular, se realmente acredita deve estar com problemas mentais. Toda essa parafernália não tem outro objeto que nos dizer: “Observem-nos! Somos seres extraordinários! Nos merecemos tudo!”

Representação de Minorias

O sistema eleitoral faz que as opções minoritárias não se vejam representadas proporcionalmente no Parlamento, de forma que são os que tem maior número de funcionários, maiores subvenções estatais e empresariais, e um maior acesso aos meios de comunicação. A saber, os partidos capitalistas. Um partido pequeno não tem acesso aos meios de propaganda, não dispõe de informação, não chega a gente, e por isso, por mais bonito que seja seu programa, não é votado. É curioso a facilidade com a que a gente que carece de poder, entrega seu voto para gente aparentemente culta e importante mas que não conhece e nem tem trabalhado para ele. Assim para chegar ao poder, tem que fazer carreira. E na carreira, ou se converte num animal domesticado, ou te tiram a força do caminho. Passou com os sociais-democratas, com os verdes, com os comunistas: chegar ao poder, tem que esquecer-se do todo o resto.

Abstenção e apatia

Tudo isso leva à um desinteresse popular. É curioso porque o sistema em que se afirma que o povo é soberano, não há muitos espaços em que não se pergunta ao povo o que quer, mas se faz propaganda maciças para que mais de 50% do eleitorado vote. A abstenção sempre gira em torno de 30% a 40%. Não se questiona que esse aborrecimento contra a politica tenha uma causa corrigível, já que quem manda não deseja um povo participativo. E por outra parte a gente entende que é inútil atuar, e com o

espirito fatalista assume que tudo está escrito e faça o que fizer, nada muda. Assim que ou se abstêm, ou votam em quem faz mais propaganda.

Para que serve o voto?

O ato de votar serve fundamentalmente para que o Estado tenha legitimidade. Não existe participação real do povo na política, mas uma ilusão de participação que se consegue pondo toda a população em contato com os símbolos centrais da política estatal (a coroa, exército, pátria, esportes, festivais, religião, obras públicas... e eleições). A continuação colocam esse símbolos frente aos do império do mal: delinquentes, traficantes e terroristas cujas características são o desprezo pela lei, a ordem, a vida humana, contrários a liberdade e a saúde e partidários da violência. E desta maneira se favorece o sentimento de identidade e integração no sistema, que forma a impressão de que se toma partido por algo em que faz parte. Assim, pode haver decisões injustas, mas como se pensa que o Governo representa a vontade popular, tem que aguardar, porque é decidido pela maioria.

Para construir essa maioria há que realizar um ato de fé. Tem que acreditar-se que somos indivíduos cujas as vontades podem ser somadas, e que essa soma é a vontade geral da Nação. O que na realidade sucede é que o Estado expropria a responsabilidade das pessoas, e se autodetermina para tomas as decisões em nome da população. Se priva o povo - você - de sua vontade, pois só cada quatro anos existe a possibilidade anedótica de receber de novo uma minima capacidade política. Uma pessoa só pode eleger quando é consciente de sua situação de dependência e trabalha para recuperar sua vontade, manifestando-se, protestando, atuando, e em definitivo, decidindo tudo que lhe seja de interesse, e não só quando é regulamentado.

E por que nas eleições a gente vota contra seus interesses?

Porque sempre ganham as eleições os partidos que possuem mais dinheiro para comprar a opinião publica, a que conquistam através de periódicos, rádios, televisões. Ganham os que dão favores a seus adeptos

(contratos de trabalho em épocas cruciais, pequenas subida de pensões...). Ganham as eleições os partidos que conseguem mais clientes dispostos a participar de fraudes. Enquanto a ti, pobre votante solitário, carente de qualquer defesa coletiva, pensa que as eleições são feitas para que votes nos políticos. Por isso, quando está só, ante a urna, tem poucas opções. Sabes que os políticos não cumprirão suas promessas, romperão seu programa, defenderão os ricos, não alterarão o funcionamento da sociedade, seguirão cobrando impostos, favorecendo a sua estrutura, e cobrando para eles. Sabes que o partido honrado a medida que cresce e ascende ao poder, se envolverá como aqueles que tinham desprezado. Assim que a maioria de votantes sempre acaba optando pelos partidos que se supõe que deixaram as coisas como estão.

Há democracia na economia?

Por último, há um ambiente mágico que escapa a qualquer intento de controle democrático. O Estado tem a sagrada missão de garantir que as elites capitalistas possam fazer o que quiserem com seu dinheiro. Isso é realmente importante e tem garantido que esses grupos possam tomar decisões privadas inquestionáveis, portanto não sujeitas a alegada lei das maiorias da democracia. De tão obvio que não se dá nenhuma atenção. Um centro de poder e influência indiscutível é o empresarial. Diretivos de bancos, consórcios, multinacionais e múltiplas empresas de importância econômica e social variada, atuam segundo as normas que emanam -no que dizem- do Mercado Capitalista, sofrendo muito pouco controle em sua atividade, tendo em conta os fundos que manejam, a influência que desenvolvem sobre os políticos e as populações, e as consequências sociais e ecológicas de seus atos. O voto para eles é irrelevante. Se para o presidente de uma grande empresa tenha que escolher entre seu direito de voto e a capacidade de manobra que outorga seu capital, qual seria sua decisão? Renunciaria a sua riqueza ou se aferraria a seu direito politico de voto? Que é mais importante na hora de conseguir algo? Ter dinheiro ou ter um voto anedótico?

Conste que ao assinalar esses defeitos da democracia eu não sugiro nem que se melhore o sistema eleitoral e democrático nem que se eleja os

melhores mandatários. Isso seria como pedir ao verdugo que se perfume e contando histórias a sua vitima para que se distraia antes da machadada. Porque resulta, por si não o sabe, que a estrutura de um Estado fascista e a estrutura de um Estado democrático são basicamente as mesmas coisas. Se pode passar de um ao outro sem ter que trocar nada de substancial.

Poder Judicial

O poder judicial interpreta e aplica aos casos práticos as leis que impõe o Governo e o Parlamento. Em geral defende a propriedade privada dos meios produtivos, o enriquecimento e o empobrecimento individual, a desigualdade social e o aparata do Estado.

ESTADO DE DIREITO

As Constituições democráticas, situadas na ponta da pirâmide normativa, estabelecem a dominação da população mediante Estados Democráticos e Sociais de Direito. Dizem os ideólogos do Estado de Direito que posto que o ser humano está sujeito as suas paixões, é conveniente que por cima de qualquer pessoa se situe a lei: um conjunto de normas objetivas que estabelecem quem e como se exercerá a autoridade dentro da sociedade, e os limites da mesma.

Desde este ponto de vista, sempre que existam leis que regulamentem o funcionamento do Estado, estaremos diante de um Estado de Direito: uma Democracia Parlamentar, uma Democracia Popular de viés marxista, ou uma Ditadura Fascista, são Estados de Direito. Daí que os ocidentais assinalam os adjetivos de democrático e social. Mas haveria de perguntar-se mais adiante dessas palavras: Quem faz as leis? Que interesses protegem ou beneficiam? Como se estruturam? Quem e como as aplicam? E fundamentalmente... São justas?

Origem da lei na democracia

Se as pessoas são falíveis, e em particular as que detenham a autoridade, e estes é que faz necessária a lei, não poderia dizer o mesmo

aos legisladores que as aprovam, ou a respeito dos governantes que as aplicam ou executam, ou a respeito dos juízes que as interpretam? Os ideólogos da democracia dizem que os indivíduos podem falhar, mas não é assim para o povo soberano, que mediante eleições periódicas elege a seus representantes para que legislem e governem. Sendo -em consequência-, o povo é ponto de origem da lei. Esto, em minha opinião, é falso. A lei não é escrita pelo povo, que ignora seus pormenores, mas sim os legislador.

Quantidade de leis

Se observando o que se denomina o corpo de direito, o primeiro que chamaria a atenção de um observador objetivo é o seu volume e complexidade. A metáfora que se usa é de uma grande biblioteca cheia de estantes ocupadas por todas as normas possíveis. Cada dia esse volume de normas vai crescendo inexoravelmente, e cada dia, umas normas são substituídas por outras, modificando para o conteúdo dessas estantes. Caberia inclusive a possibilidade teórica de que uma só linha de legislador as deixa-se vazias, revogando tudo anterior. Assim ocorreu - em parte - durante a Revolução Francesa de 1789, que eliminou os direitos feudais sobre a lâmina da guilhotina, dando passa para o Mundo Contemporâneo. E surge a pergunta: Como poderá abarcar alguém esse enorme volume normativo em perpetua mudança? A resposta é que nada pode.

Ininteligibilidade da lei

Mas ainda: a lei é complicada. Se requer anos de estudo só para obter os rudimentos de linguagem jurídica. Quem é a pessoa, por muito culta que seja, possa ler uma lei e estar segura de entende-la? De verdade... Ninguém. Mas não é só isso, se não que a própria lei se organiza em base de uns pressupostos complexos e superpostos critérios de hierarquia, territorialidade, especifidade, competência, supletivo, integração, etc... , no que alguns chamam de Ciência do Direito, cuja aplicação prática nem os mais experientes juristas chegam em um acordo comum. O Direito e a Lei são interpretáveis, difíceis e equivocadamente interpretáveis. Daí a necessidade de milhares de especialista em áreas cada vez mais especificas

e reduzidas, que se dedicam a criação, o assessoramento, a aplicação ou para o mero estudo da lei. E cobrar muito dinheiro por isso.

Esta ignorância popular da lei, sem ressalvas não nos exime de cumpri-las. Façamos essa reflexão: se a lei é um conjunto de normas que regulam as relações humanas, e a lei necessária para o normal desenvolvimento da sociedade, não seria imprescindível que seus destinatários a conhecessem para fosse aplicada? Mas é um fato que isso não ocorre. Teríamos que voltar a sociedades de mais de mil anos para encontrar suas populações conhecedoras das leis que poderiam lhes aplicar. Claro, que então as leis eram poucas e inteligíveis, e sendo conhecidas por seus destinatários, necessitavam de forma escrita. Qualquer pudia ser juiz e jurado. Hoje, em compensação, quem poderá estar seguro de não estar infringindo alguma lei que desconheça?

Desigualdade ante a lei

Neste contexto, a igualdade de todos ante a lei, não é outra coisa que a institucionalização da desigualdade. Em efeito, se a lei regula de forma geral - sem alusões diretas a pessoas concretas - as relações interpessoais e as instituições da sociedade e do Estado, e esta é uma sociedade desigual (em que há - por exemplo - ricos e pobres), a conclusão é que a lei protege e mantém a desigualdade, os privilégios de uns poucos. Colocando a lei a todas as pessoas individuais em idêntica posição de submissão, na realidade esta impondo a essas pessoas o privilégio de todos em cada momento, e abstração feita como queiram, detenham um posição social e econômica de poder. Em qualquer caso, a pretendida igualdade ante a lei é uma falácia. É muito conhecido que não é aplicada a todos do mesmo modo. Basta pensar que o dinheiro é fundamental na hora de fechar uma sentença. Dinheiro compra, nos diz a sabedoria popular. O rico sempre está bem protegido, e o pobre se chegar no tribunal, tremerá. O melhor exemplo que me ocorre neste instante para ilustrar essa diferença de critério é o chamado Caso Madof, multimilionário que foi acusado em 2008 de uma fraude avaliada em 37 milhões de euros, uma quantidade respeitável. A hora de escrever essas linhas, esse senhor esta em prisão domiciliar em seu luxuoso apartamento em Nova Iorque, esperando placidamente a chegada

da sentença, amparado por mordomos, criados, recebendo visitas, sem que lhe falte um detalhe e dormindo em sua cama com sua esposa. Qualquer pessoa normal que houvesse adquirido 6 mil euros em uma fraude qualquer, seria preso preventivamente por vários anos, sem mordomo, sem cozinheiro e sem telefone móvel.

Seletividade da lei em sua aplicação

Existem leis que se aplicam geralmente, outras que só se aplicam de forma seletiva, e outras que não se aplicam. E isto não é produto da casualidade, nem das exigências e condições da realidade, mas totalmente premeditado. Pensemos por exemplo, que qualquer Constituição estabelece o direito a liberdade, ao trabalho, a uma vida plena, e ao mesmo tempo estabelece os direito a propriedade privada e aos poderes e exclusividades do Estado, antagônico a tudo mais. A aplicação destes direitos constitucionais é diferente em cada caso. Uma pessoa pode estar sem trabalho, mas um milionário terá o seu dinheiro; um policial pode bater-lhe e disparar-lhe, e a Constituição dizer-lhe que é livre. É algo deliberado. É que a prática do direito, isto é, a aplicação da lei, é antes de tudo, uma questão de força, de poder, afiançado na última instância, na capacidade de emprego da violência legitima por parte do Estado, em forma de multas, sanções e prisões. E de seus primeiros passos, é o braço executor e se ente tremebundo que chamamos A Administração, um estomago insaciável e rotineiro cujo serviço estão milhões de funcionários.

Juízes e Tribunais

Sobre os juízes e tribunais - e todo o aparato de administrar a justiça -, os ideólogos do Direito nos apresentam como os fiadores do Estado de Direito. Poderíamos perguntar... Quem os elegeu? O Estado; Quem são? Mandatários; Como chegaram no que são? Com tempo e dinheiro; Que moral superior possuem sobre as demais pessoas para julga-las? Nenhuma; Aplicam justiça ou a lei? Ditam sentenças; Quanto tempo leva e quanto custa? Muito; Como julgam? Como melhor convém; Quantos erros judiciais houve? Montões; Como os reparam? De nenhuma maneira; Se

cumprem todas as sentenças? Só as que os importam; Servem realmente a sociedade? Servem aos ricos.

A lei vai a frente do povo

Mas há algo certo nisso: que a Justiça - em maiúscula - emana do povo. Não poderia ser de outra forma. A Justiça é um conceito moral e como tal se mostrará em cada momento da História e em cada lugar do mundo, dependendo da cultura, desenvolvimento, condição socioeconômica e distinta sensibilidade das pessoas. E resplandeceria se eliminassem as manipulações e escravidões que a são submetidas. Uma sociedade na que todos tivéssemos um assento digno no banquete da vida, igual para todos, seria uma sociedade justa. E nela, provavelmente, não seria necessária a lei.

Esta forma de pensar é precisamente a contrária da que defendem todos os aficionados do Direito, que afirmam aplicar de maneira técnica e asséptica a lei, permitindo que uns comam enquanto outros morrem de fome. A isso chamam bem comum. Os defeitos, as falhas inacabáveis - dizem - são sempre corregíveis com o tempo, no futuro. Com o qual, os técnicos do Direito - acreditando-se gente prática e realista - nos colocam em uma bagunça que não sabem sair: temos participado e participamos nesta década em uma guerra legal avalizada por subterfúgios jurídicos. Mas..., Existe alguma guerras que seja justa? Quer o povo a guerra? A resposta da minoria que convém a guerra, é que o povo não sabe pensar certo. Que o povo não sabe manejar seus assuntos individuais e coletivos. Que o povo não está maduro e tem que ser levado pela mão. Em consequência, a opinião popular de pessoas correntes sem distinção de sexo, etnia e ofício, - ainda que justa - não merece a pena levada em conta, ou a de ser levada em conta para que seja modificada e todo o mundo acabe aprovando aquilo com o que não está de acordo.

A lei como medida de justiça

A saber, que no Mundo Moderno, faz tempo já que a justiça deixou de ser a medida da lei. Agora é a lei a medida de justiça. Ao menos isso é o

que nos quer fazer crer, e em grande medida estão conseguindo. Muita gente argumenta já em qualquer discussão que algo é justo ou correto porque diz a lei, sem considerar a moralidade da sua abordagem, como se o fato de que uma lei o diga, seja a prova incontestável de sua justiça.

A burocracia e a administração do Estado

O Estado dispõe de um corpo de burocratas, que está dividido em dois grupos: políticos, que cumprem os cargos designados pelo Governo, e podem perde-lo se cair, e técnicos de oposição ou contrato.

O grupo político que toma as decisões não tem nem ideia de quais são os problemas de seu cargo, e se limita a dar ordens que indicam linhas de atuação ao funcionalismo técnico-administrativo, que é o que conhece a fundo os pormenores de sua especialidade.

Por exemplo, um alcaide tem a ideia de eliminar a venda ambulante. Em um Estado Democrático e de Direito tudo deve fazer-se segundo a lei, e por isso ele encarrega um funcionário politico uma analise sobre o tema. Como este não tem ideia, ordena ao escritório técnico responsável a sua realização. Esta emite um estudo com todas as peças jurídicas sobre o assunto. Do documento só se lê as conclusões. Segundo elas, se encarrega a outros técnicos a realização de uma lei municipal juridicamente irreparável, que regule o assunto. Ordens, memorandos, informes e milhares de papeis que não são lidos por seus destinatários, circulam de um lado para o outro durante meses ou anos. No fim, é aprovado pelo executivo após parecer favorável da plenária dos políticos da região. As normas são sempre desenvolvidas pelo funcionalismo administrativo, mas quem decide, confirmando e tem responsabilidade são os cargos políticos. Do que se confirma em muitos casos, não se tem a minima ideia, ou em um entendimento superficial e geral (para poder anunciar à imprensa). Só se sabe que o mágico ato de afirmar que a policia municipal pode perseguir os vendedores ambulantes.

A burocracia administrativa funciona sem compaixão e sem ódio. Sem ira e com conhecimento. Cumpre o que o ordena o Governo. Obedece e ratifica a Norma Escrita Burocrática. Não importa que seja o Arcanjo Gabriel ou mesmo o Satanás que sente na poltrona. Não lhe interessa que o

Poder se tenha feito por eleições, golpe de Estado ou revolução bolchevique. Não lhe importam que sejam fascistas, liberais ou comunistas que mandem. Poderá haver murmúrios, descontentamento, azedume... Mas em geral, se acata o Governo, porque a dissidência é sempre eliminada.

Esta adesão da burocracia ao Poder, obtém o Estado de três jeitos: a primeira é a folha de pagamento. Conforme se passa os meses, o funcionário permanecerá em seu posto obedecendo as ordens. Por isso o Estado cuida minuciosamente dos direitos trabalhistas de seus servidores. A segunda é o cargo de confiança e a vontade de poder. Não é o mesmo ser general de divisão, um catedrático de uma universidade ou secretário de ministério (todos são burocratas) e camareira de hotel. A terceira são as propinas, subornos, desfalques, latrocínios e desvios, mais ou menos legais e tolerados.

A burocracia administrativa é fundamental para o Estado. Lhe serve de escudo protetor. Se te baixam seus vencimentos, vai a várias repartições, pegam centenas de filas, junta milhares de papéis, espera horas e horas para um atendimento... bate boca, a quem dirige sua insatisfação? Ao funcionário que só faz o que lhe mandam os de cima? A burocracia permite ainda controlar a população, recolhendo a informação e difundindo só os dados que interessam ao Poder. Sabem assim o número de habitantes, os recursos disponíveis, e o que podem fazer com eles. Arrecadam impostos e ditam leis. Por último, na rede burocrática, o Estado coloca em seus cargos, políticos de confiança.

Muito resumidamente e escrito de forma esquemática a organização do Estado, do Governo, Parlamento, leis, burocracia... À quem servem realmente?

****

O Capitalismo

O Estado democrático funciona em defesa do Capitalismo. Esta proibido de questiona-lo seriamente. Tem existido nestes 5.000 Estados que

tem defendido outros interesses que não vamos falar.

O Capitalismo é um sistema de organização econômica baseado no beneficio privado como motor de funcionamento. São, portanto, a ganância, a avareza, a usura e a acumulação de riqueza nas mãos de particulares, os valores que promovem o sistema capitalista.

O capitalismo divide as pessoas em dois grandes grupos: o dos capitalistas possuidores dos meios de produção (campos, fábricas, empresas), e o de trabalhadores que servem por um saldo aos capitalistas. O grupo dos capitalistas controla os Meios de Produção excluindo deles os trabalhadores, e assim exploram e roubam a maioria que trabalha, a que só cabe obedecer as ordens, ou ser despedida ou marginalizada ou destruída. A economia fica dessa maneira estratificada: uns tem muito, e outros tem pouco. A distribuição de riquezas é sempre desigual em um sistema capitalista.

Os capitalistas (as vezes chamam a si mesmos de empreendedores, empresários, industriais, comerciantes, banqueiros...) manejam o mundo através de suas empresas, multinacionais e corporações, cuja estrutura interna é hierárquica e autoritária. O chefe manda. A finalidade do Capitalismo é amontoar fortunas nas mãos dos capitalistas que empregam e desperdiçam no que acharem melhor. Com isso obtém prestigio, poder e bem estar para si. Os mecanismos de que se valem para atingir isso, suas características e consequências, são descritos brevemente a seguir.

A acumulação primitiva. Ricos e Pobres.
Expropriação da riqueza coletiva

Se no principio todos eramos iguais, como chegaram ao enriquecimento uma minoria de pessoas? Através da força e da guerra. Destruindo oponentes. Tiranizando populações. As primeiras fortunas se fizeram através do roubo, da escravidão e do assassinato. Os primeiros governantes e seus servidores secundários, foram lideres, empreendedores ricos graças a suas empresas de extorsão (arrecadadores, sicários, soldados). A acumulação de riqueza nas mãos particulares continuou seu curso entre guerras, impérios e avanços tecnológicos.

No século XVIII se inicia a Revolução Agrícola, que incrementaria a

produção de alimentos aumentando assim a população europeia. Em paralelo se ditam uma série de reformas legais destinadas a remover as terras dos camponeses, enquanto começa a industrialização que da passo a Revolução Industrial. O resultado foi uma emigração em massa de trabalhadores para as cidades, milhões de pessoas nos superlotados cortiços, mão de obra barata para as industrias, promiscuidade, epidemias, alta natalidade e curta esperança de vida para os trabalhadores, que morriam como percevejos aos trinta ou quarenta anos: paludismo, carbúnculo, tuberculose, sífilis... Tudo isto ocorreu sobre coação. Os motins de trabalhadores foram esmagados pelas baionetas do exército. A Revolução Industrial do Capitalismo foi um massacre como nunca antes houverá. Jamais havia morrido tanta gente em toda a história da Humanidade. Quando os capitalistas falam dos custos e sacrifícios necessários da industrialização, se referem a essa matança de trabalhadores. Toda a fabulosa riqueza que produziram essas pessoas, os foi expropriada e essa expropriação continua até hoje.

Classes sociais

O capitalismo e o Estado geraram de forma inevitável desigualdades, estratificam a sociedade e a dividem em classes, como mínimo de quem governam e os muitos que suportam o Governo. Há quem possuem os meios de produção, e há quem trabalha para os possuidores e empreendedores. Esta divisão é totalmente artificial, arbitrária. Não é efeito do destino nem do inevitável. Pode troca. Tu, que lê este livro, provavelmente pertencerás a classe trabalhadora. Isso quer dizer que te vendes ou que tenderás a vender-se por um salário (o preço de teu trabalho) para poder viver. Tenderás que trabalhar, e se te pagará um salário. A palavra trabalho vem do latim, da palavra tripalium, que um instrumento de tortura. Essa tortura é o destino da classe trabalhadora, para maior glória do Capitalismo. Antes do Estado, a gente não trabalhava, nem estava dividida em classes, e se dedicava simplesmente a produzir para satisfazer suas necessidades, ou seja: a viver.

Propriedade privada

Princípios sagrado do capital é a propriedade privada, a que dizem que tem direito. Mas tua propriedade se reduz a uma série de objetos de consumo do que tens mais ou menos necessidade. Pouca coisa, na realidade, é o que podes possuir. Porque proprietários de grande porte, capitalistas muito ricos, só podem ser um punhado de pessoas, uma minoria. Para que alguns sejam ricos, muitos tem que ser pobres, porque a riqueza só pode vir do esforço dos trabalhadores que a produzem... , e a continuação se acaba sem ela porque os ricos se vão. No mais, a riqueza se faz no contraste: onde todos são iguais ou parecidos, não há ricos nem pobres. O princípio da propriedade privada é legitimado na realidade por sua miséria e sua escravidão em dois passos: primeiro porque te exclui, te deixa de fora da riqueza acumulada durante gerações pelos trabalhadores que te precederam; segundo porque te constringe, te limita o pouco (ou muito) que podes possuir. Houve tempo que não havia a concepção de propriedade, que apareceu no momento que houve acumulação de riqueza em bolsos particulares.

Dinheiro e Dinheiro Imaginário

O Capital usa como meio de troca e acumulação o dinheiro. Este simbolo pode apresentar-se nestes tempos em forma de objeto em que se um valor, como as moedas ou cédulas, ou melhor, de forma menos tangível, como anotações em contas eletrônicas nas que se marca um número que flutua por função de diversos fatores, como exemplo compras e vendas de produtos financeiros. Na sociedade capitalista não tem sentido para o Capital guardar grãos, mas sim dinheiro intercambiável por mercadorias (pisos, potes de doces, hipotecas, dividas) na função de seu preço.

O dinheiro é emitido por um Banco Central (estatal), que o empresta a outros bancos privados com um interesse (o preço do dinheiro). Os bancos por sua vez o coloca em circulação pagando a capitalistas e trabalhadores e aumentando o interesse por meio dessas anotações em conta, na confiança de que a gente não irá retirar seus fundos todo de uma vez. A única coisa que exigem aos bancos (por parte do Estado) é que tenham sempre

disponível uma reduzida porcentagem desse dinheiro que pagam (em torno de 2%). A saber, que pagam um dinheiro que não tem, com o qual a quantidade de dinheiro imaginado que circula pelo mundo, é muito maior do que existe em forma material de cédulas.

Por outra parte, há que devolver ao banco o recebido, há que fazer retornar para o pagador mais dinheiro do que foi pago, mais dinheiro do que coloca em circulação, tenha esse lastro ou não, que normalmente não tem mais do que a porcentagem mencionada. Em definitivo, há de pagar esse crédito, o seu preço. Como chegar a produzir esse dinheiro? De onde sai a massa de crédito se todo o dinheiro circulante o lança no banco? Tenha ciência de que todo o dinheiro (que represente algo tangível) procede do que é produzido pelos trabalhadores, pois o trabalho é a única fonte de riqueza. Por isso, o dinheiro dos créditos só podem vir da ruína de quem os perdem, de ganhar sobre o produtor não pagando pelo que produz, de pagar somente o indispensável do crédito e de novas emissões de dinheiro que por sua vez é emprestado para crédito..., com o qual a divida do endividado se faz eterna e aumenta mais.

Há, portanto, dois tipos de dinheiro. Um deles é o que você emprega para sobreviver, que poderíamos chamar de trocado, trocado para pagar o pão. Outro caso é o Dinheiro em maiúsculo, Dinheiro que é tão imaginário como os elfos e os anjos. Este é o dinheiro que circula através de computadores e telefones e pedidos de fax. Ela cresce e desaparece segundo os obscuros mecanismos da bolsa, inflação e especulação financeira. Esse dinheiro abstrato e intangível (tanto quanto Deus) é realmente importante. O dinheiro tem uma outra dimensão: a de separar claramente os que têm, para aqueles que nunca poderão ter. Para que haja uns poucos ricos, lembre-se sempre, deve haver muitos pobres.

Valor e Preço

Além disso, deve-se distinguir entre valor e preço. Uma coisa é o que vale algo que nem sequer pode ser vendido. As coisas têm valor para nosso uso (um martelo para pregar um prego) ou pelo que temos de trocá-lo por outro item (o mesmo martelo trocado por uma chave de fenda). Isto é, as coisas têm valor, mesmo que não tenham preço.

Portanto, o preço vai por outro lado, e define com base em vários fatores, tais como a escassez, o desejo, a ansiedade, necessidade, a fome, a especulação ... e sempre tendo como objetivo o lucro do vendedor ... Por exemplo, falando em termos geológicos, para termos o petróleo foi necessário uma enorme quantidade de energia ao longo de milhões de anos. Compartimentos da matéria orgânica cobertos por enormes obras de terraplanagem, oceano que os cobrem e mares que desaparecem ... O valor do petróleo é fabuloso. Comercialmente falando, um barril de petróleo representa milhares de horas de trabalho de uma pessoa (se lavrar um campo com uma enxada sem usar gasolina, demoraríamos muito mais). Mas seu preço é muito econômico conquanto que não seja renovável. Uma vez gasto, não voltará a ser produzido dentro de milhões de anos.

No capitalismo não é pago o valor do objeto (o que poderia ser algo fixo e objetivo, como a energia ou trabalho necessário para produzi-lo), mas o preço (que é variável, dependendo das circunstâncias). Os capitalistas fazem algo que acudam aos comunistas: tomam aos montes. Eles não consideram o valor real de coisa alguma. Para um capitalista consumir um recurso ou um algo escasso e insubstituível não tem importância. Eles vão ao monte, o colhem e quando acaba, acabou. Quem vier atrás que se vire. Não levam em conta as consequências, por mais graves que sejam (crise energética, as alterações climáticas, guerras, fome ...). Se é preciso, doa em que doer, e depois vamos ver.

Trabalho Assalariado

Seu trabalho é comprado pelo capitalismo através de salário, mas você sempre é pago em dinheiro por um preço muito mais baixo do que realmente é o valor do que você produz. Para colocá-lo em palavras simples: você produziu um quilo de batatas, e te pagam metade. Como se isso não bastasse, o salário é desvalorizado ao longo do tempo. Se você mantê-lo em casa, no final do ano vai valer muito menos do que era quando você o recebeu. Por que aceitar isso?

Mais-Valia

Os capitalistas afirmam que os seus contratos são voluntários e baseados na liberdade de ambas as partes. Mas, diga-me por que você aceita receber menos do que produz, e um objeto simbólico e imaginário que se desvaloriza a cada dia. Se você produzir duas unidades de qualquer coisa, em termos capitalistas estas duas unidades deve ser o seu pagamento, não menos. Se te pagam um, alguém está te roubando. Essa é a minha opinião, e isso pensando em termos de negócios com um pouco de justiça e equidade. Este roubo, esta extorsão, é chamada mais-valia, e representa a ganância-benefício do capital: a pilhagem do ladrão de ternos e gravata, multiplicado por muitos trabalhadores como explorados como a tu, resulta naquela fortuna. Então, se você fizer um crediário de dois, deveria retornar dois e não dois anos e meio, que é o que é chamado de taxa de juros ou a usura, a riqueza do banqueiro. Total, você sempre entrega mais produto do que recebe, é simples assim.

Teus interesses e os dos capitalistas

Através do salário, o capitalista garante a sua presença no local de trabalho, mas não a sua contribuição, porque o seu interesse objetivo de membro da classe trabalhadora é o de cobrar tudo o que produzir, e isso será sempre antagônico e oposto ao interesse do capitalista, que é que tu cobres o menos possível, já que lucro do capitalista se extrai desse latrocínio. Por isso, você rebelará quando trabalha, de várias formas: fugir, passividade, pequenas sabotagens e roubos, fazer e passar o dia... é normal: estão te enganando ... Também pode fazer o oposto: que se aproveitem de sua criatividade, de sentir a satisfação quando você faz algo útil ou tangível. Não despreze o prazer de um trabalho bem feito como uma fonte de exploração; há trabalhos que você gosta, que parece que fazem um favor dando-lhe o emprego, dando-lhe um emprego e por isso nem deveriam pagar; também se aproveitam do seu lado criativo, do seu entusiasmo. .., para sugar tudo até você se amargurar.

Ante o conflito, se faz necessário para capital um sistema de repressão, meios de controle, estímulo e incentivo, e uma produção de ideologia, a fim de obter o seu consentimento e entusiasmo para diante da injustiça e da loucura. Por que, do que serve uma fábrica com bom planejamento e um

mercado, se em uma semana explode uma greve?

Mercado

O lugar onde você compra e vende objetos é o Mercado Capitalista. Não se esqueça também que no sistema capitalista o trabalho assalariado também é uma mercadoria, um objeto a ser comprado e vendido em um mercado particular, o mercado de trabalho. Eles dizem que o Mercado opera sob leis infalíveis com base na oferta e na procura. Dizem também que se houver uma grande quantidade de oferta de trabalho, o preço do trabalho diminui, e vice-versa. É falso, porque isso não é lei natural.

Para você entender: lei científica é, por exemplo, da Gravitação Universal, que diz que dois corpos se atraem com uma força diretamente proporcional ao produto de suas massas e inversamente proporcional ao quadrado da distância entre eles, tudo multiplicado por uma constante G. Esta lei pode ser simbolizado em uma fórmula matemática, e explica o fenômeno da gravidade e corpos caindo ao chão quando lançados, o movimento das estrelas ou a trajetória de um míssil.

Em vez disso o que oferta e procura é apenas uma generalização, tão científica quanto a afirmação de que se você bater com um martelo na cabeça vai doer muito, ou se você cair, você atingirá o chão, a menos que alguma coisa impeça. Para dizer que as coisas caem se soltas não é uma lei. Estas declarações, amigos e amigas, não são leis científicas, porque vemos que a Lua está solta no céu e não cai na Terra.

Não há lei de oferta e de demanda. Chamar isso de lei nada mais é do que uma impostura intelectual, uma fraude. Os capitalistas chamam leis tudo aquilo que estabelecem como normas convenientes a seus interesses.

O funcionamento ideal de mercado que propõe os capitalistas, é aquele que faz ganharem dinheiro. Se estragam seus benefícios, não gostam do Mercado. Os trabalhadores poderiam derrubar a oferta de mão de obra pelo simples recurso de sindicalizarem-se e entrar em greve. Mas isso é visto como injusto pelos capitalistas e é limitado em se associar e trabalhar com base nos direitos dos consumidores. Em compensação apresentam o fenômeno do desemprego, da escassez de recursos e da angústia gerado por esta situação como muito correto e natural. Ou entendem como muito

normal destruir alimentos para redução de sua oferta. Ou fechar um hospital se não ganham dinheiro. Ou perseguir vendedores de rua. Nesse caso que o consumidor apodreça sem problemas. Você quer aumentar o preço de uma casa e vender por 35 o que realmente valia três? Se sobe o preço, se dá crédito barato e o povo compra. A consequência disso é que sobem os juros e pagarás mais caro o que no final já valia mais... O que fazer com a pessoa que se recusa a trabalhar por uma bagatela? A rua com elas e coloca-se um outro desempregado que aceite ou algum imigrante.

Do mesmo modo te dizem que o Mercado tem que ser livre, que não se deve intervir nele, que o planejamento coletivo é algo nefasto... É o que dizem os mesmos que tem seus movimentos cuidadosamente planejados, os que decidem sobre as vidas e o bem-estar de milhares de pessoas colocando, removendo, saltando, contratando, produzindo, destruindo a produção ... Esses que clamam contra o envolvimento dos trabalhadores na economia são os mesmos que quando quebram seus negócios pedem para nacionaliza-los. É incrível quantidade de contradições e inconsistências que podem sair da boca dos economistas sem pestanejar, e jogando seus discursos da Universidade com bonés ridículos, fazendo profecias com menos sucesso do que uma vidente de TV às três da manhã, e receber um Nobel nessa área ... enquanto os guardas controlam a máfia.

Eles te explicam que o melhor Mercado possível é esse. Um Mercado em que o mais forte e melhor armado prevalece. Predizem que uma comunidade de pessoas livres que planejam sua necessidade de produzir calçados e produzam em base cooperada serão pobres descalços. Isso, dizem os capitalistas, é planejamento comunista, é uma abominação, que é o que leva à miséria. Para ele é que vários indivíduos façam várias sapatarias, compitam, lutem, gastem recursos na luta, arruínem uns aos outros e se enriqueçam alguns escravizando os demais... A isso chamam de liberdade. Essa liberdade capitalista é importante, e pode coexistir pacificamente com uma ditadura militar que lance dissidentes fechados em sacos ao mar, com uma prisão cheia de pobres, ou uma Igreja que peça obediência, paciência e paz para os trabalhadores.

Por fim. Percebes que quem coloca o preço de trabalho é sempre o Capital, graças a seus meios de controle social. Teu interesse básico é que você receba o preço integral de teu trabalho, e que o capitalista obtenha o

mínimo de benefício, ou seja, nenhum. Para evitar isso, o capitalista usa dos meios de repressão do Estado e do poder de seu dinheiro.

Consumo e crise

O capitalismo também vende seus produtos no Mercado. Precisam que você compre para manter a produção. Com seu sistema de doutrinação ideológica (publicidade, televisão, emulação de ricos, escola), te criam desejos, te obrigam a trabalhar e se endividar para consumir. De nada serve ter armazéns cheios de mercadorias, se você não compra-las. E uma vez que você se endivida e enfiado em um espiral de consumo, a sua principal preocupação será a de trabalhar para outro.

Além disso, o mesmo sistema tem uma grande contradição, pois para poder consumir é necessário que te paguem um salário suficiente elevado, e isso não é compatível com o objetivo dos empresários de obter cada vez maiores benefícios. Em consequência recorres ao endividamento, mas isso tem também um limite porque pode chegar a um momento em que não possas devolver o que deves. E isso pode provocar uma queda de consumo e que o sistema entre em crise... Coisa que ocorre ciclicamente.

Evolução, defesa e adaptação do capitalismo

Este sistema absurdo não tem permanecido fixo durante os séculos. Foi se aperfeiçoando com o surgimento do salário. Se desenvolvimento avançou na Grande Revolução de 1789, e do desmantelamento do Antigo Regime feudal pela burguesia capitalista. Quando dizem que uma revolução é uma loucura, recorde que esta burguesia realizou uma revolução muito violenta, exitosa, planetária e duradoura, baseando-se, isso sim, no povo como carne de canhão. A burguesia se apoderou do aparelho estatal vertendo rios de sangue, e o colocou a funcionar em seu beneficio sem nenhuma compaixão.

Estado de bem-estar ou estado de mal estar

Mas os capitalistas no século XIX se deram conta de que estavam

matando as populações trabalhadoras. Eles não poderiam conquistar impérios, ou fabricar tecidos com um povo doente com tuberculose, sífilis, desnutrido e famélico. Para isso, no final do século XIX começaram a surgir em benefícios sociais, tais como subsídios com saúde ou seguro por acidentes de trabalho. Primeiro na Alemanha por volta de 1880, e de lá surgiu em outros países do continente para gradualmente formar o que hoje chamamos de Estados de Bem-estar. O mesmo foi para a América nos anos trinta com o New Deal e da Lei de Segurança Social, de forma modesta até a Segunda Guerra Mundial, quando essas politicas se generalizam e se expandem. Mas as classes abastadas tinham protestado violentamente pela pretensão dos governos conservadores de coletar impostos para subsídios e pensões. E temos que reconhecer que foram reacionários como Bismarck, Lloyd George e Roosevelt que impuseram uma legislação progressista, ainda que agiram sob a constante ameaça dos sindicatos de trabalhadores que surgiram juntos com os primeiros benefícios sociais, o que mostra que os dois possuem uma relação. Se não fosse pela segurança social, subsídios de desemprego e as pensões por invalides e aposentadoria, provavelmente o Capitalismo desapareceria em uma violenta revolução.

Método científicos de extorsão, fordismo

Capitalistas dedicam muito do seu tempo pensando em como fazer dinheiro. Ford no início do século XX em sua fábrica impôs uma nova forma de trabalho que aumentava muito a produtividade através de uma linha de montagem. A ideia consistia em dividir o processo de trabalho em partes. Por exemplo, uma fabricação de móveis era algo realizado por trabalhadores especializados, que conheciam todos os detalhes do assunto. Em uma linha de montagem, cada um desempenha uma função única em que se especializa. O tempo de inatividade diminui, as mudanças de ferramentas, os passeios para buscar materiais ... Você fica quieto em seu posto fazendo sempre a mesma coisa, vão te controlar melhor e podem te substituir por qualquer um. Nesse processo, o capital expropriou o conhecimento dos trabalhadores.

Expropriação do conhecimento

A burguesia capitalista tem reduzido à escravidão assalariada a classe trabalhadora.. Com o fordismo perdem também seus conhecimentos. Eram os trabalhadores que sabiam fazer as coisas, quem dispunham de conhecimento, que sabiam tecer, fabricar móveis ou fazer panelas. O fordismo e os sistemas de organização do trabalho similares roubaram esses conhecimentos, e os colocaram por escrito nas mãos da direção das empresas sem pagar um centavo por isso. Os trabalhadores se converteram em meras engrenagens da linha de montagem, aptos em apertar parafusos.

Expropriação de responsabilidade

Também, na fábrica, os trabalhadores já não responsáveis do fruto de seu trabalho. Antes uma pessoa podia sentir orgulho ao término de sua obra. Depois do fordismo, a responsabilidade, o prestigio da obra bem feita, passou para a Direção. Se já trabalhou em uma linha de montagem, terás sentido em mais de uma vez o tédio, o desinteresse por teu trabalho, que parece uma maldição, algo sem sentido que realiza para seguir sobrevivendo.

O assunto da superprodução

Outro problema que supera o Capitalismo até o momento vinha de seu próprio funcionamento. Este sistema entra em crises periódicas de excesso de produção, porque as empresas se colocam a produzir freneticamente. O capitalista ganha menos dinheiro, e decide parar a produção até que venda o que tem nos estoques. Com isso vem a crise, as empresas são fechadas, aumenta o desemprego e a pobreza. Keynes foi o economista que propôs que o aparelho do Estado deveria intervir. O Estado ao diminuir os imposto aumentava o nível de dinheiro circulante o que incentiva os investidores capitalistas porque os trabalhadores podem consumir um pouco mais. Ao aumentar os gastos em obras públicas, desenvolvimento de infra-estrutura, subsidiando empresas e assumindo sectores em crises, poderia aquecer a economia, aumentar a produção e aumento dos níveis de emprego e consumo. O Estado contornava a situação favorecendo que os benefícios

fossem parar nas mãos privadas, oferecendo aos trabalhadores apenas as migalhas. O Estado tornou-se assim em quem garante que o capitalismo liberal e selvagem não vai sair do controle e destruir a economia junto. Que realmente estava prestes a acontecer durante a Grande Depressão dos anos vinte. Graças a essa política somada as guerras, a manutenção da miséria do Terceiro Mundo, ao seu poderio militar, etc., O Capitalismo permanece.

A utopia capitalista

Ao economista Keynes se deve uma interessante profecia, que previu que mais ou menos em 2030, todos nadaríamos em abundância:

"Não está longe o dia que todos nós seremos ricos. Então, novamente, vamos valorizar os fins e não os meios e vai preferir o bem ao útil. Mas, cuidado, esse tempo ainda não chegou. Há pelo menos mais uns cem anos em que devemos fingir para nós e para todos que o justo é sujo e imundo é justo, porque a sujeira é útil e o belo que não é. A avareza, a usura e a precaução devem ser nossos deuses por um pouco mais de tempo ainda. Por que só eles podem nos levar para fora do túnel da necessidade econômica para a luz do dia.” Enfim, ainda os discípulos de Keynes procuram as cegas o interruptor de luz do túnel (como outras escolas econômicas) para se sair a luz do dia.

Planificação capitalista e eliminação de excedentes

Atualmente, no mais, não existem grandes quantidade de mercadorias nos estoques, porque os capitalistas planejam muito bem a produção, e ofertando exclusivamente aquilo que podem vender em dias imediatos, com o qual, ante de qualquer crise sobrevêm a escassez... Já não há superprodução, mas sim produção diária. O Capitalismo é muito adaptativo. Não obstante, segue o paradoxo de um mundo com abundância de alimentos e gente morrendo de fome. Milhares de milhões de pessoas (de forma moderada) se levantam pensando no que é que comerão hoje. Os economistas resolvem o paradoxo afirmando que os alimentos são muito escassos. A Economia é algo como a arte de atribuir recursos escassos a fins alternativos. Pois saiba que a abundância alimentar é destinada a

outros fins, como estocagem, deixa-la apodrecer, alimentar gado, ou produzir combustíveis, enquanto o povo morre porque a comida é escassa. Fabuloso. E ainda assim, de vez enquanto se perde o controle, como ocorreu no estouro da bolha imobiliária e crise de 2008, que todos os economistas e políticos diziam que não aconteceria, que não haveria recessão, que tudo estava bem... Deixando de lado as pessoas que perderam seus empregos, milhões de pisos de primeira mão que permaneceram sem venda, existindo o paradoxo das caríssimas casas vazias, e milhões de pessoas sem lar. Porque - segundo os economistas - uma habitação é um bem escasso ainda que abunde. Isso afirmam sem nenhuma vergonha na cara. Dizem que a economia é uma Ciência... Então por que não acertam uma? Os economistas são especialistas em explicar o passado mas não para predizer o futuro. Quando a catástrofe chega, é quando explicam porque ela chegou.

Quem manda na empresa?

Outra metamorfose que sofreu o Capitalismo fez que as grandes empresas fossem trocando de donos. Durante a primeira etapa havia uma figura clara que era o gerente e ou o proprietário. Pouco a pouco este personagem foi sendo substituído por equipes de executivos, gerentes, tubarões e acionistas que fazem que não se saiba bem a quem pertence a empresa e contra quem se deve lutar. Trustes, holdings e multinacionais dispõem de riquezas e meios inconcebíveis para resistir a qualquer tipo de ataque. O processo de acumulação de riquezas se tem desenvolvido de tal modo que o dinheiro tem perdido totalmente o seu significado. Se pode passar da abundância a ruína em questões de horas. Jogando Monopólio, os capitalistas tem criado um sistema demente em que as palavras espectrais como inflação, crises de excesso de produção, desemprego, déficit público... são uma verdade inquestionável, um objeto de uma sesuda analise de especialistas.

Divisão internacional do trabalho, pós-fordismo

No momento, os capitalistas para fazer mais lucros, e aproveitando o

desenvolvimento das redes de transporte e de comunicação, globalizam muitos mercados. O Mercado de Trabalho não está tão globalizado, como evidenciado pelas crescentes dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores do Terceiro Mundo para chegar ao trabalho nos países ricos. Mas essa globalização tem criado relações entre os Mercados de Trabalho em todo o mundo. Assim, a classe trabalhadora na Indonésia, China, Taiwan, México, etc, é usada em jornadas diárias árduas e mal remuneradas, para produzir objetos que são consumidos na Europa Ocidental. O Capital muda suas empresas para esses países, escondendo zelosamente a tecnologia que dificulta o desenvolvimento, e desempregar milhões de trabalhadores na Europa, EUA, etc ... Atualmente lançou uma ofensiva em grande escala, para promover a precariedade e a insegurança dos trabalhadores, e assim, conseguir sua completa submissão. Se passou do fordismo - que ao menos consentia alguma segurança no local de trabalho - a uma situação em que o Capitalismo liberal está interessado em trabalhadores totalmente precarizados e barato.

Toyotismo

Enquanto na Europa e nos EUA aposta na livre demissão, o contrato temporário e a desregulamentação do mercado de trabalho, no Japão foi introduzido um outro modelo de relações de trabalho, o que produziu uma estreita relação de trabalhadores para a sua empresa: estabilidade de emprego, incentivos salariais por tempo de serviço, um sindicalismo de empresa sem conflitos, oportunidades de promoção interna ... Tudo isso com uma ideologia que te liga a empresa através de um senso de honra pessoal e lealdade. Essa lealdade à empresa e ao chefe, a ideia de que estamos todos no mesmo barco, é um canto que encanta os capitalistas. Mas esconde que essas relações um pouco mais vantajosas se dão apenas em menos da metade da economia japonesa. Toyotismo foi baseada em grande parte nas relações das grandes empresas (que foram davam estas relações) com os fornecedores que para atender às rigorosas condições impostas a eles recorreram a condições de trabalho significativamente piores.

O Capitalismo Financeiro

Atividades financeiras são aquelas que estão ligadas diretamente ao mercado monetário e de capitais. Embora, em teoria, pode operar de forma autônoma em relação ao capital produtivo, o fato é que desde os anos 70 deles foram emancipados. Se originalmente buscavam ajuda no mercado de capitais, bancos e bolsas de valores, na obtenção de financiamento para o investimento (ou, do lado da demanda, pelo menos desde a Segunda Guerra Mundial, créditos para consumir), após processos de desregulação que permitem todos os tipos de malabarismo, o resultado é que a atividade financeira tornou-se mais e mais um fim em si, crescendo a uma taxa muito mais rápida que a atividade produtiva, o que, teoricamente resulta na necessidade desta atividade financeira.

É incrível a quantidade de parasitas em todo o mundo especulando produtos que não são mais do que apostas: todos os mercados de derivativos, as opções, os futuros, estão realmente ligadas a produtos que realmente existem de inicio, mas depois não são mais do que especulações associados em como esses preços desses produtos evoluam. Todos estes produtos são inúteis em si (mesmo que eles custem dinheiro), são literalmente papel, mas como eu disse acima, se você olhar para o crescimento da atividade financeira desde 1990, por exemplo, você verá que tem crescido oito vezes (no caso de ações; quatro vezes, por exemplo, do derivativos mencionados) do que o produto mundial, isto é, o que tem foi produzido em todo mundo. Se não há ligação com a atividade produtiva, então tudo crescia sobre o nada. E sim, se pode ganhar dinheiro assim, e não só isso, mas muito dinheiro: temos aqui Soros, que especulou com divisas, mas há muitas pessoas ricas que são menos conhecidas, mas que se enriquecem da mesma forma.

Argumentos dos capitalistas

Este é o Capitalismo: uma loucura de toma-lá, da-cá. Uma insensatez que se opera na imaginação, na crença e na confiança que suscita. Mas amigos e amigas anarquistas: não há absurdo no mundo, nenhuma

insensatez, fanfarronice, nem uma barbaridade oceânica, por maior que seja, que não tenha um discurso que os sustente. Tudo pode ser justificado. Os capitalistas costumam usar os mais retorcidos argumentos para justificar seus delírios. Podem te dizer que seu capital é arriscado, quando fica parado; que seus capital tem que ser aumentado porque se não, não se investiriam, e que isso beneficia a ti; que eles se abstém de consumir investindo e isso tem de ser recompensado; que eles competem de forma limpa, e ganha o melhor; que todo esse lucro que se obtém na base de sua inteligência, em seus saberes, nas leis econômicas, na natureza humana que busca o máximo de benefício... Tudo isso são besteiras. Não te explicam de onde saíram seus capitais, da Lua? Nem como eles, seus pais ou seus avós exploraram as pessoas para obter-los; seus supostos riscos, no caso das grandes fortunas, são bem calculados e planejados; seus conhecimentos se baseiam no treinamento em suas boas universidades, e a informação privilegiada que conseguem, escapando assim da competitividade, porque competir é coisa entre iguais; sua suposta abstenção de consumo durante os investimentos é mentira, porque consomem o teu trabalho, e pagam o mês vencido - não antes - se tudo for bem, que se for mal te darão um sinto muito; e se tudo na humanidade se reduz pela Lei Natural ao maximiza benefícios pessoais, por que milhares de milhões de pessoas aceitam trabalhar para um chefe por uma miséria? Suas leis econômicas não são mais do que armadilhas de jogadores, as regras dos jogadores que estão com a vantagem. Eles que tanto presumem das leis, esquecem das leis naturais que anunciam a crise energética, climática e alimentícia que se aproxima. Eles investem não para beneficiar você, mas para obter lucro, e esse lucro vem de você: te apertam, te chupam, te extraem a energia, piores que o Drácula. E sua riqueza é a condição de tua pobreza, de tua escravidão assalariada, de tua frustração. E esse tesouro acumulado não provem de méritos individuais, mas do Poder que já desfrutam seus donos, em forma, por exemplo, a propriedade privada dos meios de produção. E essa riqueza é transformada em novo Poder, em Dominação, em Tirania. Com esse dinheiro podem comprar capangas, os governos ou ser eles mesmos o Governo, coisa que qualquer cacique sabe. Esse é o Capitalismo, que em nome da ganância, da usura, da cobiça e da avareza, produziu guerras, saques incontáveis e mortes e dor incalculável ao longo de sua história.

Resumo

Capitalismo: um sistema baseado na desigualdade econômica; de tal desigualdade se fundamenta uma hierarquia e classes sociais; estabelece que o preço de um produto é independente do que vale e também do quanto custou para produzi-lo, mesmo que isto suponha um roubo; considera que o preço deve fixar-se, elevando-se de forma abusiva, em função da ansiedade deficitária dos consumidores; propunha a especulação do preço ainda que por meio da dita prática se este está tendo beneficio da crise de subsistências produzidas pelas pragas, secas, etc; afirma que o ofertante pode exercer autoridade sobre a vida da gente, pois aumentando o preço dos produtos necessários, reduz a capacidade de aquisição econômica por parte da classe trabalhadora, determinando o consumo, restringindo-o, racionando-o ou impedindo-o; estabelece o lucro sobre o comércio e toda sorte de intercâmbio, justificando a existência do interesse sobre o empréstimo; legitima o interesse por cima do próprio valor de empréstimo, garantindo assim uma ganância não proveniente do próprio trabalho; por tal procedimento propaga uma forma direta de roubo, mediante a qual pode exigir e reclamar muito mais do que se devia; desestima a equidade como medida de toda transação reciproca; postula que a justiça nas inter-relações mutuas deve suprimir-se se entra em contradição com o próprio afã de ganância; manifesta que a propriedade pode fundamentar-se de forma absoluta ainda que não sendo originada pelo próprio trabalho; garante que um individuo possa chamar de seu mais do que pode ocupar, mais do que possa consumir e mais do que seu esforço pode produzir; adotando a dita ideia que possibilita a escravidão de milhares de milhões de trabalhadores que tenderam a aceder a um trabalho que só produzirá benefícios alheios; o conceito de proprietário desvirtua e desnaturaliza a produção fazendo que o trabalhador conceitue o trabalho como um privilégio, uma sorte ou um prêmio, condenando os menos afortunados a fome, a miséria e a genuflexão; decreta a ditadura da minoria privilegiada, pois só os saudáveis e produtivos se adequam nessa distopia econômica; o direito a liberdade, a igualdade e as condições básicas de vida são negadas, proibidas e aniquiladas a todos aqueles indivíduos impossibilitados para a produção,

oferecendo caridade onde só se pode exigir justiça; está disposto a filtrar, reprimir e coagir a todos aqueles em que a fome tire o respeito pela propriedade, e a todos aqueles refratários decididos a desobedecer as leis; longe de impedir as desigualdades econômicas e sociais, engendra o surto de lógica de violências sociais, sabendo só ditar, executar, mandar, ordenara que a burocracia legalista, que as que as comitivas do judiciário e os tribunais, os anfitriões da legislação, as algemas, a violência autoritária e machado do carrasco, cuidem de oprimir os infratores; seu sistema econômico é baseado na exploração do produtor-consumidor, do trabalhador convertido em mercadoria, tornando-se um sistema Capitalista que só salva a semântica, para continuar e manter, orgulhosamente alto, a bandeira da Autoridade e do Poder.

Algo terrível. De loucos. De criminosos de filmes de medo, ou muito pior, porque um criminoso sociopata só pode consumir uma pessoa de cada vez.

A Repressão

Para defender os interesses da classe dominante e evitar que o povo se subleve, o Capitalismo usa a organização policial-militar e de controle do pensamento do Estado, e de outros meios de controle social. Os ricos se

defendem das petições, das exigências e das expropriações dos pobres mediante o Estado. O aspecto econômico do sistema capitalista não será estudado aqui porque seria extenso demais. Basta saber no momento que o que se chama soberania nacional não passa de bobagem, porque o mundo está dominado neste momento por uma boa parte de organizações supranacionais como o Banco Mundial, o GATT, o Fundo Monetário Internacional, a Trilateral, o Grupo dos Sete, etc, que marcam em grande medida a política dos Estados. E, em geral, o conjunto é uma imensa maquinaria em que as pessoas conhecem mas pouco. cada qual (governante, banqueiro ou plutocrata) ocupa uma posição e a trabalha conforme requer o sistema. E se desaparece X, imediatamente Y o substitui e tudo se mantém, igual. Saiba que ainda que neste livro falamos muito sobre o Estado, não penses que é ele que exerce solitariamente a dominação. O Estado é só um fator muito importante de um jogo muito complexo. É ele quem dispõe do aparato de controle de pensamento, e de destruição das dissidências. Se apoio em muitos outros fatores.

****

Os meios de controle social

A Religião

A religião, a escola e os meios de comunicação forma parte do aparato de controle do pensamento do Estado. Apesar que em última instância o Estado democrático dispõe de meios de coação física capaz de eliminar sublevações e revoltas de seus súditos, só o usa em último caso, prefere doutrinar ou desmoralizar a dissidência antes de acuá-la, de persegui-la, multá-la, encarcerá-la, executá-la ou mutilá-la.

Origem da religião

O fato religioso é universal. Todas as culturas e povos, dos bandos a Estados em geral, praticam algum tipo de culto a espíritos ou antepassados. As crenças religiosas tem sua origem no animismo ou culto aos espíritos

praticados pelos povos caçadores-coletores. O animismo deriva das experiências que ocasionam sonhos, o transe induzido por drogas, assim como a experiência da morte alheia. Os humanos sonham quando dormem. Podem falar, viajar a lugares distantes, comer, caças, conversar com parentes mortos... Mas o corpo repousa sem se mover. Igualmente, o costume de ingerir todo o tipo de substâncias capazes de alterar o estado de consciência por meio de fungos alucinógenos, sementes de plantas, licores, folhas, etc, fizeram que nossos antepassados dispusessem de um interesse farmacopeico destinado a dar emoção a suas vidas. Supor que a morte era o momento de libertação da vida interior ou da alma foi algo muito sensível. Nada quer morrer, e no sonho da morte a alma se liberta e se imortaliza.

A religião tem também sua origem na necessidade de dar explicação aos fenômenos naturais. A medida que os conhecimentos cientificose tem avançado, os mitos vão se desmoronando. A religião se adapta como pode a ciência.

Animismo

O animismo é o culto as pessoas mortas. Ele teve muitas variações curiosas, desde aqueles que tentam por todos os meios para perseguir uma alma penada, até os que pedem favores e proteção. Pessoas mais sonhadoras, iluminadas e românticas das sociedades igualitárias, ou as mais cara de pau, podiam - ou assim acreditavam ou afirmavam que sim - em fazer contato com os espíritos, atrair a caça, fazer chover, curar doenças, boa sorte e essas coisas. Embora as práticas religiosas em sociedades igualitárias eram acessíveis por qualquer um, os xamãs em seu tempo livre - e lembre-se que nos bandos e nas aldeias havia muito tempo livre - faziam a função de contadores de histórias, curavam e eram intermédios dos elementos. Falavam com os totens, geralmente espíritos de animais ... Iniciavam as crianças idade na idade adulta com rituais duros de passagem. Quando chega tua vez, vai ao local designado, se prepara, se purifica, canta, toma drogas para meditar e é até fisicamente torturado, a espera de uma visão de seu totem. E, no final, tem uma visão. É lógico que a tem!

Isto reafirma a verdade da crença e o pertencimento ao bando e ao povo.

As primeiras religiões

A medida que as sociedades caçadoras-coletoras evoluem em comunidades com chefes, e finalmente em Estados, evoluem nas crenças religiosas. Xamãs se convertem em sacerdotes à serviço dos chefes, reis e imperadores. Memorizavam suas genologias, ou as inventavam, fazendo do chefe descendente do Sol ou do chacal, asseguravam sua imortalidade com a mumificação e tumbas suntuosas e garantiam a tranquilidade do povo assegurando que qualquer movimento fora do comum seria castigado com alguma praga. Ao lado do chefe sempre ia o ministro da cultura: o bruxo-sacerdote, que monopolizou séculos o mundo da cultura, a técnica, a arte e o prognóstico do tempo. Liberados do trabalho puderam investigar, recopilar as observações de outros povos e chegar a conclusões. As predições acerca de eclipses, enchentes dos rios, trocas de estações, tratamentos médicos e o apoio as classes dirigentes, proporcionavam-lhes poder e riqueza. As primeiras religiões conhecidas e melhor estudadas como a egípcia, não deixam dúvidas sobre o assunto.

O Egito permaneceu inalterado durante milhares de anos graças a aliança entre Estado e religião e foi só com a chegada de outros Estados mais organizados militar e culturalmente como o romano, é que trocaram seus costumes. Posteriormente durante mil anos a Terra esteve no centro do Universo pela estupidez das seitas cristãs. Igualmente é lamentável comprovar que a imensa maioria das manifestações artísticas que nos chegou até agora são provenientes de cultos religiosos e políticos.

Monoteísmo e antropocentrismo

As extravagâncias religiosas têm o seu expoente mais horrível e abominável nas seitas ocidentais monoteístas que persistem até hoje: o judaísmo e suas derivações, que são o Cristianismo e o Islamismo. Essas religiões dão origem ao princípio antropocêntrico, tão difundido na civilização de hoje. A espécie humana, de acordo com este princípio, pode

fazer o que lhe der na telha. O mundo está aos seus pés. É lícito usar todos os recursos do planeta até sua exaustão. Isso traduzido na prática significa que as elites dominantes podem dispor à sua vontade, os mares, animais, plantas, minerais, e é claro, os seres humanos inferiores que devem ser tratados como rebanhos. O judeu-cristianismo lança grito de domina a terra e tudo está permitido. Esta política tem levado ao esgotamento de recursos, o desmatamento de grandes áreas do planeta, e tudo o mais que ocorre.

Suas normas morais são pura bobagens a serviço dos poderosos: amar seu inimigo ... por quê? Se é ruim, se a dominação se recompensa com o amor, se não distinguimos o amigo do inimigo, se da mesma forma você ama quem te ama e que te atormenta, a quem te ajuda e quem te pisa, a quem mata o teu vizinho ... para que serve a ética? Por outro lado, relatar os crimes e desastres causados por apenas estas três civilizadas (e amorosas) religiões, excede este trabalho. Para os espanhóis e latinos que estão curiosos, recomendo a leitura atenta da Bíblia. As burocracias dessas igrejas formam parte do Estado, para serem mantidas e apoiadas por ele.

Religiões Modernas

Muitas delas são chamadas de seitas. Note-se que não há diferença objetiva entre a Igreja Católica e o Hare Krishna. Ambos são seitas ou igrejas, segundo sejam membros ou não. Ambos reivindicam o monopólio da recompensa e punição espiritual e sobrenatural. A única diferença é o grau de controle exercido pela burocracia religiosa sobre os crentes.

Muitas religiões vieram do Oriente, como o budismo, o zen, e outros aparentemente mais tolerantes. Suas pregações sobrenaturais não são melhores do que os das seitas cristãs. Em todo lugar verás os seus sacerdotes e papas vivendo da história. São religiões que asseguram que não são religiões, que não têm uma ideologia por trás delas, que são práticas, experiências interiores, que não nos fazem proselitismo, que buscam o aniquilamento do "eu" ou qualquer coisa estúpida do tipo que ocorre enquanto se está cagando, como se isso não fosse o suficiente pela aniquilação que se sofre ao morrer, ... Essas religiões têm mestres escrevendo a pleno vapor, organizando reuniões, dando palestras ... E

cobram muito bem por isso.

Na atualidade têm emitido inúmeras crenças religiosas que promovem a religião à la carte. Você pode acreditar no que quiser. Não importa o que penses - mais ou menos - desde que pague o guru, ou a sacerdotisa por suas bênçãos e oficinas, que compre os seus livros e que passe suas férias nos lugares de refúgio e retiro.

Todas estas crenças apoiam a ideia de salvação individual, dentro do sistema capitalista. Possuem um discurso de fraternidade, amor, etc. Realizam exercícios de auto-sugestão, relaxamento, visualização positiva, vôo astral ... Através do que poderá adquirir saúde, riqueza, promoção no trabalho, predizer o futuro, emagrecer e levantar o moral, encontrar uma relação amorosa.

É lógico que se deixas de fumar e de beber álcool, teu estado físico e mental melhorará, mas isso não tem relação com as crenças do além, nem em acreditar nas ilusões de um charlatão. Não confundas os benefícios de relaxamento, de comer muita verdura e do cultivo de autoestima, com a existência do Karma e da reencarnação.

Lembre-se qual é a base de toda religião: que fazes algo mal, que tu tens culpas de algo; que essa culpa é que tem faz infeliz; e que se faz um ritual qualquer, te sentirás melhor na vida e depois de morto, também. mas eu, quando vejo tanto exercício retorcido, tanta cara de êxtase, tanta meditação, tanta oração e tanto yoga, tanta estima sanguinária e tanta ostia benta, só vejo um contorcionista de circo. E não muito bom.

A religião te faz melhorar

É algo que te dizem em alguma circunstância: concentra-te em teu eu; observa tua respiração; olha o teu hoje com é, reza ou medita muito... Podes superar-te interiormente, ser melhor cada dia, assumir o controle de teus atos, a consciência do que faz, recitando salmos, exercícios respiratórios, jejuns, mantras, alongamentos, visualizações... Santo Céu! Quanta merda consumida! Isso também podes conseguir jogando xadrez com os olhos vendados, correndo descalço, aprendendo cantar flamenco ou pescando sem anzol. Qualquer exercício ou atividade que te obrigue a

concentrar, te fará uma pessoa mais concentrada, revelamos o segredo. Mas há um aspecto realmente sinistro disso: que também podes ser uma pessoa melhor a cada dia relacionando-se com os outros, expressando seus pensamentos, resistindo e enfrentado ao policiamento que te persegue, ao chefe que te explora, ao sacerdote que ilude, ao mestre que doutrina, ao pai que te submete a qualquer comparação que te humilhe, anule, importune ou maltrate. Essa vertente de resistência a injustiça, de rechaço a tirania, de amor a liberdade, é que te fará uma pessoa melhor. E nenhuma religião te apresentará isso. O que a religião te diz, é que depois de morto se acabarão tuas penas e terás um prêmio. Corre que isso não vai acabar bem.

O fundamentalismo religioso

Fazem uns mil anos, alguém tomou demasiado sol, comeu e bebeu pouco e entrou em transe. Depois de um tempo, outro mais alimentado e hidratado, que sabia ler e escrever, passou para o papel esses delírios causados pela desidratação. Esse texto sagrados, foram traduzidos em tudo que era necessário saber. Rabinos, monges, clérigos, budas, porque não, guardaram os livros em conventos e os memorizaram. Hoje, passado séculos, há quem neles acreditam. Cristãos, muçulmanos, judeus, hindus... Querem que sejam o livro de alfabetização, o código de justiça, a base da moral e a base de engajamento para o exército morrer estripado. Como se não tivéssemos o suficiente com o Estado, propõem sua fusão com a Igreja mais correspondente. Consideram a ciência como o próprio demônio, já que seus descobrimentos tem exposto ao ridículo os textos ditados e revelados por Deus. Despreciam a mulher, origem do pecado. Odeiam a liberdade de pensamento e expressão, pois não suportam contradições. Estabelecem sistemas de castas e reduzem a escravidão os impuros. Expulsão de infiéis, crenças irracionais, intolerância, fanatismo, censura, repressão, guerra e castigos atrozes para os dissidentes, nada é o bastante para seu Deus de feições sangrentas. Exigem obediência cega aos dogmas e receitas arcaicas, encarnados em personagens carismáticos ou em juízes tradicionalistas. Predicam a insignificância da vida comparado com os prazeres da após morte. Como os fascistas, referem-se há um passado que

nunca existiu. Querem a anulação completa do indivíduo e seu submetimento as autoridades politico/religiosas, em troca de dar-lhes a verdade verdadeira e a resposta a toda pergunta, em qual não tem que perguntar. Longe da Razão, caminham pelo mundo sem nada que desvie de seu caminho, esperando o Apocalipse e a chegada do Reino. São uma verdadeira peste, fanáticos intransigentes, fonte de sofrimentos por séculos.

A religião e o anarquismo

O anarquismo respeita as opiniões filosóficas particulares. Não há inconveniente em que as pessoas busquem explicações religiosas para dar sentido a suas vidas. Toda pessoa já sofreu um calafrio em pensar na morte. Existem aqueles que precisam da crença e outra existência para suportar melhor a pena de perder o que tem. É normal que a imaginação crie mitos e rituais. A religião é o fruto da ignorância da dor, do medo e da esperança, contudo há que elevar a autoconfiança das pessoas e desdramatizar a morte, para acabar com as superstições. A ciência apesar de seus avanços é incapaz de dar respostas a muitas perguntas... Todavia a religião não tem dado resposta à nada! Tanta viajem astral, tanta revelação, e nenhum mistico viu que a Terra era uma esfera! Nenhum sacerdote católico ou budista foi capaz de descrever o buraco negro, ou uma estrela de nêutrons, ou um simples micróbio! Somente descreveram disparates, paraísos em que um coro celestial canta todas as horas, que surpresa!

A ciência com método, com suas limitações, com a critica que pode se fazer, é o caminho do conhecimento, amigos e amigas anarquistas. Cada vez que se adianta algo nesse caminho, surge um novo por quê. Ignoramos muito, temos que reconhecer. Responder com um mito não resolve nada, mas não tem porque ser danoso, por fim, se está despojado de coação e se restringe a uma crença individual que não tenha a pretensão de se impor a outras pessoas (sejam crianças ou adultos). Se queres acreditar em algo que externo a você ou algo que esteja em você, de maneira voluntária, é teu direito. O que me diz? Que queres fazer uma viajem de introspecção para descobrir teu “eu” comendo fungos ou drogas alucinógenas ou escutando músicas tibetanas? Ou seja, se manter ferrado como um visionário

ordinário até o fim de sua vida? Sem problema, a vida é sua, é sua decisão, mas escuta:

Frente a religião, qualquer que seja, ainda que alcance uma divindade a Razão. a Liberdade, ao Estado, a Pátria, a Ciência, para Mercado..., ou a Anarquia ou qualquer abstração imposta, sempre estará meu ceticismo carente de esperança. A única verdade da que temos absoluta certeza no momento, é que morreremos. E depois, o mais razoável é o nada. Que essa visão da vida é sem esperança, desgarrada, fria, sem sentido? Sim, é claro. E isso é assim? Melhor que sim. Perder a esperança, desesperar e saber que tens uma vida que viver, pode ser o primeiro passo para que impeça que outros vivam sua vida.

A Família

Ainda que a família não pertença ao aparato do Estado, mas que é uma forma de organização social, vou menciona-la porque tem sido e é uma das base de sustentação usada pelo Estado. A família tem tido muitas variações ao longo do tempo. Por exemplo:

-Poliginia: Um homem e várias mulheres;

-Poliandria: Uma mulher e vários homens;

-Família Patriarcal: Um montão de parentes dirigidos por um patriarca;

-Matrilinearidade: Neste sistema, teus parentes são os de sua mãe. O padre não manda nada.

Na atualidade, as sociedades ocidentais mantém a família nuclear, patriarcal, monógama e o controle da descendência nas mãos dos progenitores. A religião católica, o fascismo, e no geral os Estados e governos, a consideram como a célula social.

A família se realiza o controle dos filhos e filhas. O pai tem - em geral - obrigação da manutenção econômica, de levar uma determinada conduta sexual e pessoal e é chefe do grupo. O outro membro cofundador, a mulher, é responsável do cuidado físico do marido e a descendência, das tarefas domésticas, e se espera dela outro tipo de conduta sexual e moral. Aos filhos e filhas se exigem um determinado umbral de exito, obediência e um

comportamento segundo a classe social ao qual pertençam a família e o sexo que tenha. Isto é assim nestes tempos, no que a mulher se tem incorporado em maior número ao mundo do trabalho. A família é, definitivamente, o lugar onde se forja a sociedade e o Poder.

A criação deste esquema familiar engendra um tipo especial de egoismo com o resto da população. Se entende que os nossos parentes possuem muito mais direitos ou determinadas atenções, sem importar muito se o parente é menos digno disso que outro qualquer. Não é atoa que as máfias e os Estados primitivos se articulam em torno das famílias, e se denominam como tais. Também as famílias reais e aristocráticas, quando na realidade não os une mais que um nome e as feitorias que realizam para elevar seu nome.

A julgar o número de divórcios, violência e adultérios e tensões que geram as relações de casal não parece que esta instituição tenha muito futuro em um mundo anarquistas tal como existe atualmente. Cada vez mais pessoas egoístas das sociedade ocidentais se fecham em suas casas do exterior hostil apresentado segundo a propaganda, de indesejáveis armados de estilingues. Contudo, são as mulheres e crianças que sofrem as maiores agressões, violações e maus tratos e precisamente nos domicílio familiar, não na rua. Por tudo isso o anarquismo se opõe a família patriarcal.

O casal e o comportamento sexual

Quanto mais igualitárias e respeitosas são as relações entre homens e mulheres, maior o número de aventuras de cama tendem a ter as mulheres e os homens. O que a mulher nesta sociedade seja mais conservadora - em geral - no tema sexual se deve a que tem que suportar as consequências da gravidez, o parto e lactância, o que culturalmente se ensina que as mulheres devem ser passivas e os homens ativos, em que o castigo de adultério e da infidelidade cai sobre a mulher, onde a mulher é humilhada, discriminada e confinada no lar. Não existem comportamentos inatos masculinos ou femininos.

Se a instituição do casamento esteja bastante ampliada atualmente, também o está o adultério. Por isso, asseguro que em uma sociedade livre,

sem tabus religiosos, igualitária e anarquista, com fácil acesso a métodos contraceptivos, e em que prevaleça as relações amistosas, o casal será menos possessivo, e a família mais aberta. Não haverá homens e mulheres, mas sim pessoas livres.

Família e prole

A família nuclear ocidental não é o lugar mais apropriado em que as crianças cresçam. Um núcleo fechado e egoísta para o resto da sociedade, no qual dependendo da sorte que tenha, os filhos serão tratados de uma forma ou de outra. É necessário estar ciente de que, enquanto na escola são ensinados muitos assuntos inúteis para a vida, ninguém ensina a ser pais ou mães. Quem tem amor, não significa que é competente, e que o amor será eterno. Além disso o castigo corporal, a violência, estupro, traumas psíquicos e até suicídios são induzidos pela falta de sucesso na escola e acontecem com frequência entre os descendentes.

A remoção de componentes repressivos da família, seu conservadorismo, o seu papel como parceria privilegiada de associação para os seres humanos, tirando toda a sua significação jurídica e seu componente religioso e obrigatório, teríamos algo menos pretensioso, e mais livre.

A Herança

Dentro das instituições familiares também quero destacar o patrimônio, que é um dos fundamentos da perpetuação da pobreza. Se perguntar aos pais que ganham pouco dinheiro e não têm onde cair mortos o que eles fariam com o que possuem quando morressem, não hesitariam em dizer que seria para seus filhos, e sentiriam indignação se dissesse que iria para comunidade. Não pensariam que sua própria miséria é porque a classe dominante impõe a propriedade privada.

Para deixar heranças, e para recebê-las, se tem cometido grandes atrocidades e excessos cometidos em virude do "pão dos filhos e da

herança da família." Algumas pessoas permite que se desprezem e explorem a vida dos outros porque simplesmente cometeram o erro de pertencer a uma outra família.

Passar a vida inteira acumulando riqueza e bens é algo doente, porque este acúmulo é feito através da exploração dos trabalhadores, que apenas têm direito a passar necessidades. Sangrias são também os casos de acumulações de herança pelo casamento e mecanismos que tendem a se concentra-las mais e mais.

Herança, para o anarquismo, não é admissível como concentração de riqueza em uma linha de sangue de seus proprietários. Se podemos criar uma sociedade na qual os seres humanos não são determinados pelo que tem sua família no nascimento, e pelo local do nascimento, não haveria de ter o que não é seu. O melhor legado é a liberdade, e que não se guarda em bancos.

A Família e a economia capitalista

Os capitalistas afirmam que neste mundo as mercadorias tem que ser compradas e vendidas por um preço. Contudo, o trabalhador, que é o principal meio de produção (em termos econômicos), não é nunca pago pela família. No seio da família se criam os filhos e filhas, se educam, se formam, se coloca para trás décadas de gastos e trabalhos por parte do pai e da mãe, com um cidadão, como um trabalhador, com um técnico, como um peão ou como uma enfermeira... Nada desse trabalho prévio é pago. O capitalista entende isso como grátis. As tarefas domésticas da mãe, sem as quais é impossível a reprodução cotidiana do sistema capitalista, não entram no mercado. Esta ideia é interessante e não tem sido capazes de explica-la os sábios economistas. Se um homem, por exemplo, um engenheiro, tem uma criada e recolhe os direitos trabalhistas e paga um salário, essa tarefa é computada como atividade econômica e entra na contabilidade do Estado. Mas se esse engenheiro se casa com a criada, e a agora essa é sua esposa, mas continua realizando as mesmas atividades na família (agora sem salário), e inclusive trabalhando mais criando os filhos.... tal atividade não se considera contabilizável e nada tem que

pagar... É de pensar. Pensa que se fundas uma família no sistema capitalistas, realizará tarefas de reprodução social gratuitas até o fim de seus dias. Tanto é assim, que muita gente manifesta que o pior que o trabalho, que pior que a escola, que pior que a uma doença... seria a família.

A Escola

Atrás da família, a escola é outro meio de controle de pensamento, a escola continua o doutrinamento politico da criança. Por meio de um sistema de exames, prêmios e castigos, os divide em superdotados, nos normais e nos idiotas. Outro tipo de seleção o realiza a família. A que tem recursos econômicos manda os filhos para colégios pago religiosos ou laicos, para assim se manter as classes sociais. Quem utiliza os colégios privados, ainda que subsidiados, tem menores taxas de repetência escolar, e ascendem com maior facilidade aos estudos superiores, que quem vai aos colégios do Estado.

Sucessivas provas os vão preparando para esse mundo hierárquico. Quem fracassa no bacharelato engrossa as filas dos trabalhadores sem qualificação. A seguinte purga de seleção elimina outros tantos que aprendem um oficio ou intenta entrar na administração do Estado. Por último nem sequer quem acaba seus estudos universitários tem garantidos um posto de trabalho. Só aqueles que abrem espaço por influência e tem um bom relacionamento formaram parte da elite. O sistema de exames não é mais uma forma de humilhar, submeter e finalmente selecionar as pessoas mais disciplinadas e submissas.

Competitividade

Nos dizem que podemos ascender segundo nossos méritos se formos competitivos. Mas a competitividade é uma construção ideológica, uma mentira que vela para que a desigualdade impere. A competitividade é algo que se dá entre iguais. O ponto de partida tem que ser o mesmo. O peso, a

idade e treinamento similares. Mas na educação ocorre justamente o contrário: quem tem uma boa situação de partida escapa a competitividade. Quem pagar um título de uma universidade estadunidense ou inglesa é quem tem um bom trabalho assegurado. Só com tempo e dinheiro pode comprar-se um título válido. E isso significa desigualdade e barreiras sociais, não competitividade. De quebra, a competitividade capitalista especifica que a vantagem está com quem chega primeiro a meta, se apropriando do que não pode consumir nem com dez mil corpos.

Doutrinamento

As escolas preparam os quadros técnico que o Capitalismo necessita para sua sobrevivência, mas também ensinam sem exceção, a superioridade política, econômica e ideológica do Estado. Os profissionais do sistema educativo ocidental são reativos em admitir que a escola obrigatória é um sistema de doutrinamento político, mas é muito claro. Na pedagogia, este doutrinamento institucionalizado se conhece com o eufemismo de curriculum oculto, que serve para assegurar a transmissão da ideologia dominante. As crianças se estimula no campo das ciências naturais a que empreguem o método cientifico e sejam exatos, meticulosos, lógicos e inquisitivos. No campo social contudo, iludem a temas conflitivos como a acumulação de riqueza, a propriedade privada, as alternativas ao Capitalismo... E pelo contrário se exaltam com diversos ardis e subterfúgios o nacionalismo, a pátria, a constituição, a bandeira, quando não diretamente valores como o medo e ignorância. Medo do fracasso, inveja do sucesso, ignorância do funcionamento real da sociedade. Se ensina ao proletariado que pode alcançar riqueza e Pode se esforçar o bastante para isso, e que se não consegue é porque é um bobo. Serás caixa de supermercado? Se coloque a competir com a duquesa de Alba, rápido. Com isso conseguem que a população se frustre e se resigne, não contra o Capitalismo e o Estado, que são na realidade os responsáveis dessas situações de desigualdade, mas contra si próprios.

Os Meios de Comunicação

A Imprensa e TV cumprem um papel de doutrinamento e formação de opinião publica da população, vista como massa, de suma importância para o aparato de controle do pensamento do moderno Estado Capitalista.

Por um lado por meio de sabonetes, séries, concursos, esportes... Retiram o tempo de reflexão e relação com vossos iguais. Faz 100 anos que a gente para distrair-se tinha que falar, ir a um baile, fazer teatro, tocar um instrumento musical, ler... a televisão não só reduz o descontentamento por proporcionar distração, mas também que nos mantém em casa. Os periodistas assustam e ameaçam a população com noticias escabrosas, e intentam que a gente comum se identifique com os privilegiados por meio de reportagens sobre desfiles militares e de moda, coroações, bodas, batismos, enterros, vitorias esportivas, acontecimentos grandiosos... Também modelam a linguagem e transmitem um idioma padronizado.

Por outro, a Mídia deforma a realidade e criam estados de opinião publica. O que não é informado, não existe. Em 1975, o Camboja estava nas mãos da ditadura comunista do Khmer Vermelho. Em torno de um milhão de pessoas foram assassinadas. A imprensa internacional capitalista fez eco do assunto, os noticiários diariamente comunicavam o que ocorria e filmes documentários foram feitos... Qualquer ocidental sabia o que ocorria no Camboja. Ao mesmo tempo o exército indonésio, aliado dos Estados Unidos, invadia sobe a benção desse pais a antiga colônia portuguesa do Timor Leste. As atrocidades foram as mesmas, o número de mortos muito similar e o genocídio planejado e sistemático, a população nativa dizimada e substituída por indonésios. Não se disse uma palavra.

Do mesmo modo, a imprensa e televisão preparam o ambiente para a guerra civil iugoslava, para invadir o Afeganistão ou o Iraque. Ou para criar medo sobre alguns brutais e mórbidos crimes, para vender mais Coca-cola, ou para inculcar o amor pelo Betis ou pelo Sevilla (times de futebol espanhol), por carros velozes, por iogurtes desnatados ou por determinada roupa intima. Em contrapartida desqualificam a dissidência anticapitalista, que é pintada com anacrônica, anti-moderna, violenta e obsoleta.

São os grandes poderes os que exercem o monopólio da comunicação e o que podem educar as “massas”. A oposição apenas poder fazer ridículos

esforços. Que são os 10.000 exemplares deste livro comparados com cem milhares de exemplares diários da imprensa burguesa, de suas cadeias de televisão e de suas emissoras de rádio?

Os Partidos Políticos

Os partidos nascidos nas raízes da Revolução Francesa, sejam das esquerdas ou das direitas, são organizações que desde meatos do século XIX, dispõem de um forte aparato burocrático centralizado, organizado militarmente com o objetivo de tomar o poder.

Estes organismos indispensáveis para o funcionamento do Estado democrático mantem , como não podia deixar de ser, estruturas altamente anti-democráticas. Os partidos são dirigidos por executivas em que as dissidências não são aceitas ou toleradas. Suas direções marcam a politica atual e as estratégias, tanto para derrubar o governo se estão na oposição, como para mante-lo quando são donos da situação.

No Estado democrático a independência dos partidos é um mito. Em cada campanha eleitoral são obrigados a gastar milhares de milhões, muito mais do que o pressuposto por cotizações e subsídios governamentais. Por isso são obrigados a solicitar créditos bancários, que arruínam os partidos que não obtém bons resultados em médio prazo. Nas prática, estes créditos acabam sendo subsidiados pelos bancos a troca de determinados benefícios em exceções fiscais ou de prosseguir políticas beneficiosas para essas instituições. Os partidos majoritários acabam convertendo-se em reis da banca e em empresas capitalistas.

Porque outra via de financiamento provem das doações empresariais. É conhecido que todos os partidos com algum poder ou com possibilidades de te-lo, recebem propinas e caixa dois de diversos grupos empresariais em troca de favores, privilégios, subvenções, etc.

Em última análise, a razão de um partido existir é de constituir um aparelho de Estado. Os partidos copiam suas estruturas das do Estado: centralização, executivas, disciplina, burocracia, decisões de cima, culto ao líder, etc. Quem milita no partido assume esse aparelho de Estado. O partido retira-o dos problemas de sua vida e o submete a disciplina. Lhe

convence da necessidade de experiência, organização, divisão de trabalho e de que se tenha pessoas que tomem decisões, já que isso aumenta a eficiência. Isto chega a converter-se em uma cultura política. Os membros dos comitês realizam propostas que jamais são derrubadas, salvo exceções, pela militância de base. Os comitês dispõe da informação, do dinheiro e dados necessários para tomar as decisões. A militância executa o que determina a direção.

Esta situação é assumida pela base, que se habitua a situação de dependência e interioriza e entende por boas as decisões e propostas da executiva. A quem milita na base do partido chegam os dados com os que pode tomar decisões, algo que já foi discutido e mastigado nos níveis superiores da hierarquia, que já se tenha eliminado o debate e os caminhos alternativos. A militância assume uma missão histórica, e sair dela, opor-se, remete a coação psíquica, angustia, na medida que se aparta de seu dever. E as vezes, piores coações em forma de demissão do emprego... espancamentos, assassinatos.

A capacidade real de decisão descansa em um reduzido número de responsáveis e barões (coronéis), que dominam o aparato hierárquico e institucional do partido, por meio de comitês executivos, comitê central, comissários de célula, juntas diretivas, etc...

A militância que por seus dotes organizativos, dedicação, relações pessoais e fidelidade ao partido, é promovida a diretoria do organismo imediatamente superior, pode escalar postos nas avaliações de mérito, dar o próximo passo, cobrar um salário por fazer política e entrar na elite.

Os sindicatos e o Sindicalismo de Estado

As primeiras agrupações de trabalhadores que intentaram resistir de forma organizada as terríveis condições do Capitalismo primitivo industrial surgiram nos princípios do século XIX. Os sindicatos tiveram em sua origem, duas vertentes. Por um lado melhorar as condições de vida de seus membros, conseguindo aumento de salário, contratos, limitações de jornada de trabalho, etc. Por outra lado, transformar a sociedade fazendo-se eco das ideias socialistas e anarquistas.

Esta luta heroica não foi nada fácil, e os trabalhadores e trabalhadoras pagaram seu tributo de sangue, fome, carcere e morte. Os sindicatos foram proibidos e reprimidos. Os códigos penais castigavam com pena de morte a incitação ao absenteísmo, a greve, as associações, as sabotagens... a teimosia da classe trabalhadora fez que a medida que o século XIX avançava, os governos se viram obrigados a suavizar o tratamento dado ao sindicalismo para evitar distúrbios piores, e ter que executar a maioria da população trabalhadora.

As greves e protestos levados adiante pelos sindicatos até inicio do século XX e na Espanha até 1939, conseguiram grandes melhoras, e desenvolveram uma verdadeira guerra social em que o Capitalismo esteve a ponto de perder em várias ocasiões. Temos que recordar que os relativos níveis de bem-estar de que se desfruta na atualidade em algumas camadas da população trabalhadora ocidental que conseguiram há muito tempo é resultado de bastante sofrimento. O Capitalismo nunca tem dado nada de bom grado. Tudo sempre foi lhe arrancado a força.

Os Estados depois da Segunda Guerra Mundial trocaram de politica a respeito dos sindicatos. Simplesmente os compraram. Se deram conta por um lado de que era bastante sensato dedicar parte de seus benefícios a manter uma limitada satisfação ao povo, e por outro lado, que a confrontação direta com o sindicalismo era muito cara em termos de repressão e se perdia prestígio. Assim se dedicaram a subsidiar os sindicatos e a liberar do trabalho, diretores e lideres sindicais. Desta forma na atualidade, os sindicatos não são mais que oficinas anexas do Governo encarregadas de dar legitimidade ao aumento salarial anual - se é que ocorre - e aos planos econômicos da patronal. É o Sindicalismo de Estado. Para que se veja que isto não é nenhum exagero, e podemos citar inúmeros casos, damos como exemplo que os sindicatos simplesmente aparecem na contabilidade geral do Estado e possuem livre acesso nos Ministérios.

Os sindicatos de Estado são os modernos bombeiros do Capitalismo. São encarregados para que as coisas sigam pela regulamentação e se administre parte da miséria do Estado Capitalista. Em situações de ruptura e revolta, suavizam as crises. Os sindicatos não vivem apenas da cotização e atividade de seus membros. Estes organismos não sobreviveriam sem os subsídios estatais e de funcionários assalariados. Mantidos pelo Estado e

pelo Capitalismo, não se pode opor-se a eles.

Os sindicatos em muitas empresas tem colocado seus representantes nos conselhos de administração, e assim se encontram em privilegiada situação de não ter que trabalhar. Corrompidos, os diretores sindicais (”os liberados” na Espanha) perdem de vista os problemas da gente que representam, e assumem e compreendem as dificuldades do Capitalismo. As convenções são firmadas anos após anos por pessoas que não batem mais cartão, que não assumem seu posto de trabalho.

A estrutura desses sindicatos é tão anti-democrática como a dos partidos. Quem propõe, dirige e decide é a burocracia, a elite selecionada das cadeiras diretoras. Os centos de milhares de afiliados são moeda de troca, combatentes nos piquetes de greves gerais decididas de cima. Greves simbólicas das que não se obtém nenhum resultado pois não há atrevimento, nem a ousadia para leva-las as últimas consequências. A corrupção é generalizada. Na Espanha, se a UGT e a CCOO não se unem é por um problema de postos de trabalho, pois haveria sobre de diretores liberados, e é claro, a burocracia resiste a perder a boquinha. Perdida sua capacidade transformadora, esses sindicatos não merecem ser chamados com esse nome.

A tecnocracia

Vou mencionar por último a tecnocracia. Por meio desta palavra que implica o governo através dos técnicos, os Estados intentam convencer-nos de que suas decisões são impessoais, objetivas e que em todo momento só fazem o que se pode fazer. Fazem falta especialistas que estudem o comportamento da economia, cada vez mais complexa e incompreensível. Mas o essencial do Estado Tecnocrático Capitalista é que intenta ocultar o caráter arbitrário de seus mandatos. O Estado pode eleger celebrar as Olimpíadas em Madrid ou construir novos hospitais, aumentar o subsídio para o desemprego ou tapar as perdas dos empresários da construção: tomam decisões políticas (arbitrárias) ante as diversas situações que se apresentam, mas os mostram como algo inexorável. A política aparece como uma força impessoal com aval da Ciência e da Técnica. Se anunciam

as chegadas das crises como quem anuncia a chegada do King-kong, ou de um polvo gigante. Assim pretendem que as medidas impopulares sejam necessárias para o Bem Comum, e que o especialistas é o único com a varinha mágica, que toma as decisões em virtude de seus conhecimentos e da racionalidade tecno-econômica. Mas resulta que esses técnicos, são incapazes de prevenir suas péssimas ações. O que conseguem muito bem é falar do ocorrido e justificar porque fazem tão mal as coisas.

A Ciência e o Poder

A ciência não é neutra, pois só se encontra aquilo que quer buscar e só observa o que deseja ver. Especialistas políticos, milhões de cientistas e economistas não são mais do que sacerdotes e pitonistas a serviço do Capital, que esquadrinham as vísceras de um frango e intentam intermediar sem noção o que não dominam. Esta adoção de uma linguagem tecnocrata faz que todos os partidos mantenham um discurso parecido, que todos tentem ser os melhores adivinhos do por vir, e gorem a sociedade, a peste, a fome, a guerra e a morte se não são contemplados. Desta forma, se os expropria da responsabilidade, se os rouba de vossa capacidade política de tomar decisões, e se os infantiliza é para não imaginar outra forma e que te leve a considerar o Estado como algo necessário para administrar a coisa publica para o bem-estar geral. Desta forma se obtêm vosso consentimento e nos fazem acreditar que não há alternativas. A ideologia estatal-capitalista não é mais que uma religião disfarçada de Ciência para exercer a dominação. Que fique claro: você pode tomar decisões tão boas ou tão ruins como qualquer um naquilo que te afete. E é mais provável que a decisão de um cientista que pense por ti, te ferre mais que te faça o bem.

A Repressão direta e dura

A Polícia

Este corpo encarregado de defender por meio da violência o privilégio

da classe dominante, que é quem define o que é um crime ou não. Roubar uma maçã é um crime, mas executar um desajustado não. Segundo o que se defina como crime, haverá delinquentes correspondentes. Por isso a polícia é encarregada do trabalho sujo diário em defesa do Capitalismo e do Estado. Persegue, detém e elemina quem a subverte-a, quem a transgride, quem questiona ou combate a ordem e as normas estabelecidas que permitem esse privilégio. Só existe polícia onde há desigualdade, logo, injustiça.

Se diz que a polícia cumpre uma função de perseguição do crime. A isso há de responder que a polícia não é eficaz para erradicar nem para resolver o crime. A crença em sua eficácia é devida - em grande medida - a propaganda e as série televisivas fantásticas em que através de sociólogos, videntes, peritos de laboratórios e pistoleiros certeiros, são capazes de resolver 100% dos casos de identidade de um culpado e que acaba no tribunal onde será condenado por suas péssimas ações. É muita ficção.

Escassa eficácia da polícia

Na sociedade ocorrem um número muito grande de crimes acima do conhecimento da polícia, uma vez que os pequenos crimes (e alguns grandes) raramente são denunciados. Dos crimes conhecidos por denuncia, muitos não são investigados e são arquivados. Dos crimes investigados, somente entre 30% e 35% - segundo a estatística do Ministério do Interior dependendo do período - são esclarecidos, ou seja, que se encontra um culpado. Desses haveria que descontar os que são mal resolvidos culpando inocentes com boa ou má fé, os que são resolvidos sem realmente terem sido, o os esclarecidos em que não se castiga o culpado que fugiu.. No ano de 2008, a polícia reconhecia que só interceptava uns 20% da maconha que entrava na Espanha, vendo-se incapaz de melhorar o percentual de capturas. Pondo em números mais amplos, na Espanha, no ano de 2006 segundo o anuário estatístico do Ministério do Interior, as corporações de segurança do Estado (estatal e privado) tiveram conhecimento de 848.881 delitos, esclarecendo 306.524 desses, ou seja, 36,11%. De outra forma, de cem crimes se esclarece trinta e seis. Foi um ano muito bom para a polícia.

Desses (segundo dados de 2002) uns dez eram culpados. Dos vinte e poucos sobraram, uns seis são erros judiciários. Assim, que segundo essa otimista estatística, de cem delitos, se resolvem quatorze com exito.

A polícia só poderia ser eficaz se houvesse poucos crimes. Na sociedade como a nossa, em que se cometem crimes de forma continua, só é eficaz naqueles casos especialmente relevantes que chamam a atenção publica ou que lhe interessam. Por exemplo, ante de 2004 na Espanha, as forças de segurança controlavam o ETA com grande eficiência, mas não os islâmicos que se preparavam nos seus narizes e em 2004 estouraram os trens de Atocha. Ou um pederasta sem compaixão pode fazer o que quiser e só vigiado, mas só quando este mata uma criança e o pais fazem um grande escândalo... é que agem.

A conclusão é que ser delinquente não é tão difícil assim, pois demoram para pega-lo.

Relação custo/efetividade da polícia

Por isso, a polícia é um luxo muito caro. Na Espanha (estado e privado) se gastou no inicio de 2008 a quantidade de 5.720.579.500 euros em segurança publica, sem incluir seguro de vida, nem atuação da polícia com o narcotráfico, Investigar crimes mais delitos (os delitos que geralmente não se investigam) custa em média uns 3.000 euros. Isto é, que ainda que não seja um imagem exata do que ocorre nem menos, se alguém rouba uma bicicleta de 100 euros e seu dono denuncia, o gasto que levaria para investigar o crime é maior que o delito. É uma metáfora descabida manter uma organização de segurança desse tramo. Além disso, temos as Instituições Penitenciárias, estimado em 2008 em 1.076.682.800 euros, mais 31.940.800 euros em formação e trabalho para os presos. Isto é, que cada detido da polícia que acaba no carcere custa uns 17.000 euros.

A Função Objetiva e Real da Polícia

Se combater o crime fosse o objetivo da polícia, se deveria vê-la nos

bairros marginais, controlando os pontos de venda de drogas, o tráfico de armas, veículos roubados... mas é contrário, não só não há uma base comunitária, como raramente entram algum tipo de unidade policial, a não ser que cheguem armadas até os dentes, com treinamento especial e em carros blindados.

A polícia tem outro papel a qual se dedica e é de controlar rigidamente os cidadãos normais para que sejam corretamente identificados, trabalhem, possuam domicílio, não andem armados, sem instintos violentos... controlar e manter assim. A polícia não serve tanto para reprimir o delinquente, como para evitar que a gente de bem deixe de pagar seus tributos e cumprir as leis. Pense na quantidade de material anti-distúrbio que possui a polícia, e a velocidade com que aparece suas viaturas para controlar meia dúzia de manifestantes de rua e cidadãos.

Efeito secundários dos remédios policiais

A polícia não só é ineficaz para eliminar o crime, mas que parece também, que não se preocupam pelo que ocorre debaixo de seus narizes. Complacentes e cúmplices no tráfico de armas, explosivos e drogas, o que foi evidenciado por exemplo, no 11 - M de 2004 em Madrid.

É padrão se infiltrar nas máfias e organizações, de controla-las e instiga-las, através de seus infiltrados, e em muitos casos, esses se tornam os dirigentes mais destacados entre os criminosos.

Temos que mencionar, ainda, os próprios crimes que a polícia realiza no exercício de suas competências: desde negligências até abusos, cobranças de subornos, tráfico, chantagens, torturas, roubos, assassinatos e cobranças de recompensas... Dependendo do país, a polícia a a organização que mais comete crimes e delitos.

No desenvolvimento e exercício de suas funções, a polícia inventou refinadas técnicas de tortura: o isolamento, interrogatórios por turnos, a desorientação espaço-temporal, a privação de sono, de comida, de roupa e água, prisões físicas, brutalidades e abusos sexuais, ameaças de morte contra familiares da vitima, chantagens, espancamentos, desaparecimentos... No caso necessário podem recorrer a outros métodos

maís drásticos que de um dia para outro não são esquecidos: paus de arara, imersão, asfixia por sacos plásticos, torturas de todo tipo conforme o acervo cultural dos dedicados funcionários.

Muitos policiais são simples imbecis que entram na corporação com a intenção de ter um trabalho fixo sem grandes esforços (a periculosidade de trabalho dos policiais comparado com aos pedreiros e mineiros é muito menor) Mas há outros que são doentes mentais, narcisistas convencidos que sua violência não é criminosa, mas sim necessária, justificada e moralmente aceitável já que favorece o bem comum e garante a segurança da maioria. Pouco a pouco o policial se insensibiliza, e chega ser capaz em não mais se importar com as crueldades que comete para conseguir seus fins. Não torturam, e sim interrogam, realizam pesquisas. A realidade é transformada e não se fala dela. Seu treinamento, uniforme, insignias, armamentos, jeito de mover-se, a forma de olhar as pessoas, o prepara para sentir-se superior. E se não for o suficiente, a palavra de policial frente a de um paisano, tem maior peso e assume caráter de prova. Assim, há os que entram e já são maus, há os que ficam maus depois de entrar e os que acobertam ou ignoram para não arrumarem problemas, não há um que se salve como policial.

Objetivos reais da polícia

Em consequência o que pretende a polícia não é erradicar a delinquência, mas sim mante-la sobre controle. Isto é, que a delinquência existindo serve - seguindo esse pensamento - primeiro para justificar o gasto com o aparelho repressivo; segundo, para que o cidadão de bem se sinta unido com Estado e defendido por ele quando na verdade é controlado por ele. Desta maneira a vítima acaba pagando seu próprio verdugo.

Meios modernos de controle da população

Em defesa dos interesses do capitalismo, o Poder se tem servido de

modelos duros (ditaduras) e brandos (democracias parlamentares). Na ditadura, a repressão se exerce com maior utilização da violência e com total impunidade. Na democracia existem vias nas que a confrontação social é menor, e a dominação se exerce de maneira mais disfarçada.

A partir dos finais das décadas 60 e 70, as revoltas populares ocorridas na Itália, França e EUA foram decisivas para que as elites democráticas se sentissem preocupadas com a eficiência de seus meios de dominação. Por isso empregaram atualmente maiores meios de controle, por meio da informatização de dados das pessoas, circuitos de câmeras, intervenção nas contas correntes e procurando que setores cada vez maiores da população assumam funções de delatores e espiões.

Em resumo, existe delinquência porque existe lei e injustiça, existe a policia porque sua função é garantir a injustiça, exercer repressão e a violência. Não existe Estado que não tenha seus aparato de segurança e violência diária. Pode trocar o Governo, passar do fascismo a direita, da direita para o socialismo, e do socialismo ao comunismo. Mas a polícia permanece intocável. Sempre à serviço do Estado.

O Exército

Procuram explicar a origem da guerra por muitas formas. Se continua discutindo o assunto e provavelmente nunca se terá uma resposta. O que estamos seguros é que a guerra não está em nossos genes. Os seres humanos podem alimentar batalhas, saquear, violar, torturar e obter algo com isso. Mas essa capacidade de exercer a violência não é inata. Não se encontra escrita na natureza. A guerra, como muitas outras manifestações humanas, é cultural, aprendida, e a princípio poderia servir para solucionar problemas das sociedades não estatais - assim como faria o infanticídio feminino, os períodos de abstinência sexual e amamentação prolongada - de superpopulação e diminuição de alimentos.

Foi a guerra a que produziu o domínio do homem sobre a mulher e de alguns humanos sobre outros. O homem não tem importância no aspecto reprodutivo. Enquanto que se encontre mulheres disponíveis, ainda que exista poucos homens, a taxa de crescimento da população se manterá

estável. Na ausência de métodos contraceptivos e do aborto seguro, se optava pelo infanticídio feminino, e em situação de guerra, a tendência é criar machões agressivos, matando as meninas e deprecia a mulher que não participa nas incursões bélicas. O Poder premia aos mais valentes em combate, aos que derrubam mais pessoas e aos que raptam e violam mais mulheres, pois paradoxalmente, a abundância de machões e as escassez de fêmeas, das quais os lideres e chefes polígamos formam haréns, aumenta a agressividade dos jovens e os desejos de guerra para capturar mulheres férteis. Os raptos e os assassinatos pedem vingança e o conflito se eterniza.

Se não fosse pela guerra, não haveria desigualdade não ocorreria no gênero humano, pois não haveria a violência intergrupal estimuladas pelas lideranças e Estados.

A Guerra Moderna

O problema da guerra nos Estado adquire outra dimensão. A guerra é uma arma política das classes dominantes. O Capitalismo objetiva proteger seus privilégios sociais e econômicos, destruindo e anexando tribos e Estados vizinhos, convertendo suas populações em párias, taxando-as, proibindo suas religiões e sua língua materna... Existem muitas guerras modernas e ocupações que seguem esse esquema, por exemplo no Tibete, Timor Leste, Iugoslava, Iraque, Afeganistão, Georgia, Palestina... Hoje, século XXI, a responsabilidade da guerra recai exclusivamente sobre os governos estatais. As elites dirigentes organizam suas aventuras bélicas conforme seus interesses.

A guerra capitalista adquire um desenvolvimento ainda mais macabro. Sujeito como está a sucessivas crises este sistema econômico por excesso de produção, é obrigado periodicamente a destruir seus excedentes de armamentos e infraestruturas. Uma forma habitual de faze-lo é a guerra, com a que os capitalistas devastam nações, cidades e povos completos, que logo se dedicam a reconstruir (período de crescimento).

O Estado necessita de um exercito, forças armadas para enfrentarem outros Estados, destruir riquezas e controlar a população dominada sem falar da polícia. No caso espanhol, se reproduzem e aumentam os vícios

policiais: é incompetente, é caro, é corrupto e é muito letal.

Atualmente o governo se esforça em dar uma imagem amável ao exército. Este organismo já não se encarrega de levar adiante a guerra, mas sim de atuar em missões humanitárias e de preservar a paz. Por exemplo no Afeganistão, no Iraque ou na antiga Iugoslávia. Em minha opinião a força multinacional auspiciada pela ONU nos territórios da antiga Iugoslávia só fez aumentar a guerra e mostrar apenas o outro lado dos massacres que ocorriam.

As oligarquias do Estado iugoslavo deviam recompor suas posições no organograma do Poder depois da queda do comunismo soviético. As potências ocidentais, o Vaticano, a Alemanha, França, Rússia e Grã-Bretanha é que jogaram lenha no fogo. A elites iugoslavas bombardearam a população com mensagens militaristas. Se separou com a eficaz ajuda da imprensa e da televisão os sérvios, croatas e muçulmanos, quando em realidade, as diferenças entre eles seriam como alguém de Murcia e alguém de Cordoba. Se realizaram assassinatos em massa. Fizeram chamamentos para a defesa da Pátria e a guerra estourou. Ninguém pediu a opinião da população, não se fez um referendo perguntando se queriam ou não a aventura militar. De uma semana para outras, as operações bélicas começaram.

Uma estratégia de violações sistemáticas de mulheres, campos de concentração, assassinatos de menores, fizeram que centenas de milhares sumissem de seus lugares, que milhares de não combatentes tenham falecido. As brutalidades e torturas foram levadas adiante por forças armadas e paramilitares servos, croatas ou bósnios, dependendo do momento. Ódios irreconciliáveis foram despertados para décadas por quem teve seus familiares, parentes e amizades perdidos numa guerra de dementes. Tudo isso foi planejado com absoluta perfídia por Estados e o Poder. Logo mandaram os Capacetes Azuis e as ONGs.

Pois não se aprendeu a lição e nunca teremos lições o suficiente. Duas novas guerras, do Iraque e do Afeganistão, em nome da liberdade, e na realidade para o controle do petróleo, gás e recursos estratégicos, tem reproduzido todos os horrores de conflitos passados: milhões de mortos, feridos, mutilados, exilados... Tudo para a maior glória do sistema capitalista.

A lição do ocorrido é que isso pode ocorrer em qualquer lugar. Aqui, na Espanha. Não é uma loucura o que falamos. O exército, se recebe ordens ou insinuações oportunas, não terá nenhum problema em vilar mulheres e colocar menores debaixo das esteiras de seus tanques, para dispersar as populações. Se para o Estado capitalista o interessa a guerra, a fará com o apoio dos meios de comunicação, dos sacerdotes, dos tecnocratas... Uma guerra moderna é uma grande oportunidade para gastar riqueza, matar os trabalhadores e obter grandes lucros dos plutocratas.

A consciência militarista é estimulada em todas as ordens da vida social. Uniformes nos locais de trabalho, ordens, vozes de comando e hierarquia e a impossibilidade de decidir e resolver os problemas habituais da vida. Isso é militarismo. É suficiente uma pequena porcentagem da população conscientizada, patriotica, violenta, para organizar uma guerra com o apoio dos meios de comunicação. O número crescente de desertores de um recrutamento foçado não é o suficiente, pois com atual tecnologia, os exércitos podem se manter com um pequeno número de profissionais.

Sexismo, nacionalismo, religião, racismo, machismo e militarismo estão sempre a mão como argumentos. Os homens são os guerreiros e as mulheres as mães. Os soldados violam não só as mulheres dos inimigos, também as suas, quando estão de folga. Se estimula a mulher da nação a ser as procriadoras dos machões. Os crimes psicóticos aumentam espetacularmente e se cria um clima tenebroso e retorcido em que qualquer tipo de horror é possível.

Milhares de agressões tem a finalidade de dissuadir a dissidência e dar prazer ao agressor. Veja os Bálcãs. Bem próximos da Espanha. Não se trata de Ruanda, Burundi, Somália, Azerbaidjão, Guatemala, Palestina, Camboja, Afeganistão, Timor Leste, Tibete, El Salvador, Angola, Equador, Peru, Colômbia, Georgia, Palestina ou qualquer conflito com os silenciados pela imprensa e a televisão. A Iugoslávia é na Europa, aqui do lado.

Não existe exército para a paz. Todos os exércitos são feitos para guerra, para matar pessoas. E por detrás disso estão os campos especiais de concentração, os gulags ou lagers modernos, chamados Guantánamo e Abu Ghraib.

Temos aprendido com a dor e sofrimento durante 5.000 anos para que serve uma burocracia militar. Os seres humanos podem viver sem a guerra,

podemos aprender a recusa-la da mesma forma que nos ensinam a aceita-la por meio do filmes, documentários, discursos patrióticos e argumentos sensatos. Os seres humanos podem prescindir da guerra. Não a mantemos com sangue.

O Carcere

O carcere é o mecanismo onde termina o circuito repressivo do Estado, naqueles países onde não é legal a pena de morte. São as pessoas que rompem com as regras do jogo vigentes, as que se destina o carcere. É o lugar onde se estabelece a vingança, e onde através do terror, o sofrimento e o castigo, se pretende conseguir o submetimento, ou no caso de não ceder, a aniquilação. É um espetáculo que pretende conseguir seu consentimento. Esta é sua filosofia, seu fim e sua razão de ser, e portanto, as humilhações, os maus tratos, a violação dos direitos humanos, tem sido, são e serão uma constante que vai implícita na própria existência do carcere. Qualquer outra propaganda que façam ou insinuem é mentira, é hipocrisia donde as palavras reintegração servem para limpar e justificar a imagem destes reinos de destruição de pessoas.

Funcionamento

Na atualidade existem diversos tipos de carceres. De centros de detenção de imigrantes, carceres para menores de idade, grandes prisões, psiquiatrias penitenciárias... Mas todas seguem os mesmos princípios: todo o funcionamento do carcere é pensado para conseguir o submetimento, a submissão e a obediência do preso. Isto se facilita em primeiro lugar pelo sentimento de culpa que é induzido neles e que os faz assumir o castigo e até justifica-lo. Acreditar que é justo o castigo é fundamental para conseguir evitar o choque com a imposição de regras e normas carcerarias. A moral judeu-cristã do castigo/sofrimento/redenção se impõe desta forma sem muitos obstáculos.

Ali se entra em um mundo onde tudo está determinado, marcado e

dirigido. A regulamentação interna os deixa indefesos diante da carta branca para humilhações, castigos e arbitrariedades que surgem das normas. Aspectos militares como contagens em formação de sentido, individualizados ou em grupos, elevações de voz, ordens de comando, atos intimidatórios, punições arbitrárias, exposição e vistorias com nudez total... A intensão é a obediência automática, através do medo diante do castigo e da violência velada.

A divisão da população carcerária em grupos e facções (graus menores e maiores de crimes e seus tipos, menores e maiores, homens e mulheres) consegue diversificar e produzir interesses distintos. E essa divisão é utilizada como ameaça permanente de mudança de regime e local da pena e da facção dominante em cada local. Assim se mantém uma chantagem permanente. Para receberem chamadas telefônicas, visitas, ter melhor lugar na cela ou a um local melhor tem que entrar em esquemas de servidão, colaboração, delação e outras degradações. A chantagem que se produz sobre tudo na visita, pelo que supõe o poder de abraçar seres queridos ou ter uma relação sexual frustrante na medida de que são determinados o dia e hora em que, como animais de corte ou domésticos fossem, que se faça o contato, e porque desde os meados dos anos oitenta, a visita se tornou um forma de passar drogas.

Se converte desta maneira em robôs também pela repetitividade dos horários, das contagens de seis, oito, dez vezes por dia segundo o grau, obediência as ordens de comando e limitação de movimentos por reduções do espaço condicionadas pelos horários.

A opinião publica respeitável tem a ideia de que os carceres são um pouco menos do que hotéis de luxo, mantidos de forma gratuita pelos impostos dos cidadãos. A realidade porém, é muito diferente. A maioria dos casos nas detenções desprezam os direitos humanos. Há os casos que são classificados como perigosos. São isolados em celas minusculas quase o dia inteiro e não há hora para inspeções, nas quais devem estar em posição de sentido na porta da cela para verificação do que estão fazendo. A mínima transgressão é duramente castigada. O mobiliário consiste em um beliche sem lençóis e nem cobertas, mas podem ser levadas pelos parentes. Não há lavabo. A saída até passeio solitário no pátio se realiza com vigias. Há gente que deteriora física e psicologicamente e renunciam aos passeios.

Os espancamentos e lesões são tratadas como erupções leves. As vexações, humilhações e ameaças em forma de “vamos te matar”, “vai apodrecer aqui dentro”, daqui só sai no saco preto” são interruptas. As visitas intimas não são permitidas. Quando ocorre, dura cinco minutos ao mês. A correspondência é violada sistematicamente ou se extravia. As inspeções são feitas por RX na busca de objetos cortantes é sistemático, vinte, trinta, acima do permitido para saúde. Não é possível negar a inspeção mesmo com enfermidades com AIDS, tuberculose. O tratamento dado faz com que os presos adquiram esquizofrenia, lombalgias, degenerações osseias, episódios psicóticos, suicídios... As autoagressões em forma de cabeçadas contra a parede e ingestão de objetos, produtos do desespero, são permitidas sem problemas. Obter a qualificação de altamente perigoso depende apenas da vontade da equipe do turno, e com uma larga condenação e pouco que perder estarás a um passo da loucura. (Não dados objetivos que definam a periculosidade. Para a burocracia, a periculosidade pode se manifestar em uma descortesia, denunciar maus tratos, mostrar solidariedade, negar-se a comer ou negar a ir ao pátio). Os recursos aos julgados de vigilância penitenciária são sistematicamente descartados. Nos carceres de mulheres, seus filhos cumprem condenação junto com suas mães... Isso ocorre nas prisões espanholas, não marcianas.

Finalmente os delitos de todo o tipo perpetrados pelos funcionários das prisões sobre os presos, geralmente acabam impunes.

Doentes mentais

Dentro do Estado espanhol, a diretora de prisões Mercedes Gallizo confirmou em 2008 que 25% dos reclusos eram doentes mentais que deveriam ter acesso a tratamento e atenção médica, e não a ser mantidos longe da liberdade. O segundo aspecto deste problema é que os reclusos entram saudáveis na prisão, e desenvolvem paranoias, esquizofrenias, depressões, ansiedade, ideias autolíticas... que na maior parte dos casos não são diagnosticados. As associações de direitos humanos chegam a ponderar que 40% dos presos sofres de enfermidades psiquiátricas.

Desses, apenas alguns estão internados nas psiquiatrias de Sevilla e

Alicante, por terem sido declarados imputáveis perante a lei. Por exemplo, a psiquiatria de Sevilla tem vagas para 72 enfermos, mas se mantém numa média de 200. A situação dessas pessoas é muito dura. Um esquizofrênico pode chegar ao máximo de 25 ano de pena cumprida ou mais, sem ter saído um dia a rua, ainda que nesses 25 anos tenha desenvolvido o comportamento de um mordomo inglês. Do resultado dessa rotulação seletiva, esquizofrênicos, paranoicos, psicóticos que em um dado momento de suas vidas atentaram contra a existência ou a integridade sexual de outras pessoas são condenados a uma pena de privação indefinida de liberdade, em que as psiquiatrias, médicos e enfermeiros penitenciários farão o monitoramento continuo do preso.

O tratamento se leva a cabo a administração de psicofármacos. Mediante a ciência médica prende-se a vitima a uma camisa de força química. Não se empregam mais sistematicamente as correias, os grilhões, ducha frias e camisas de força. Agora basta administrar coquetéis farmacológicos para que o demente esteja tranquilo, sentado em uma sela, vegetando, pingando baba sobre as calças e controlando as duras penas seus esfincteres. O exito destas terapias em destruir uma pessoa em um curto período de tempo, tem levado cada vez mais a repressão a optar por tais técnicas de carcere “extraordinário” dos loucos em vez do carcere “normal’.

Método de controle psiquiátricos com presos normais

A prisão é uma instituição em que uma pessoa é sequestrada e levado para fora da sociedade, para colocá-lo em um mundo altamente regulamentado.

Um mundo em que a iniciativa, responsabilidade, autoridade, controle da própria vida é eliminado. Severamente alterado ou cancelado ou é aniquilado vida sexual e familiar, são introduzidas as relações hierárquicas em que afirmam os comportamentos domínio-submissão, a afetividade é destruída antes da aflição. Neste estado de ausência perpétua de obsessões kafkianas, individualizado e solitário, o preso tende a apatia, a resignação, a resposta agressiva, ao automatismo, o fechamento em si mesmo. Um

ambiente hostil faz o prisioneiro presa fácil à uma série de doenças mentais ou porque causaram nele, ou porque ele estava sofrendo e foi intensificados pelos esforços, o que antes se passavam despercebidos: depressão, ansiedade, tendências suicidas, psicose, prejudicada polaridade, problemas sensoriais, distúrbios de imagem corporal, incapacidade de reconhecer o próprio corpo ... Estes são complementados por doenças orgânicas: distúrbios osteo-musculares, doenças respiratórias, doenças cardíacas, infecciosas ... Nesta área é onde a psiquiatra atua.

Na década de 80 começou a empregar com sucesso para garantir a paz na administração prisões de várias drogas legais. Metadona é uma delas.

Através desse derivado do ópio, e com o pretexto de reduzir o uso de heroína, iniciam-se os viciados em uma droga ainda mais viciante. A Metadona torna-se um instrumento de controle, ameaçando ou submissão pelo agentes prisionais, dispensando arbitrariamente, se necessário. Sob estas condições e, dependendo do fornecimento de drogas pelos agentes prisionais, o preso é incapaz de tomar qualquer medida, não há rebelião, mas a mera afirmação dos direitos que a lei prevê. Um viciado em metadona é incapaz de escapar da prisão em que vive.

Aplicando esta técnica a população prisional pode tornar-se certos os prisioneiros em viciados farmacológicos que apresentam sintomas de depressão, ansiedade e psicose causada por uma variedade de confinamento prolongado. Nomes comerciais e ingredientes ativos são misturados a cada manhã em envelopes medicação tomados no café da manhã, almoço piquenique e jantar por milhares de presos, viciados nos farmacológicos. Drogas fazem o prisioneiro escapar da não existência a que ele é submetido. E aprisionamento acentua o processo de institucionalização da vida do prisioneiro, que sentem que os seus incentivos pessoais estão sendo substituídos pelos regulamentos, normas, rotinas registrados no corpo a ferro e fogo.

Como o progresso dos anos, mesmo os presos mais refratários ao tratamento, que denuncia as práticas, que não se cala, não se mostra com comportamentos servis e submissos, institucionaliza-se. Individualizado, privado de qualquer possibilidade de organização coletiva, sente cambalear qualquer defesa ideológica. Enquanto os anarquistas sentiram-se protagonistas do século passado de um épico e mantido a sua solidariedade

e os laços afetivos intacto dentro das prisões, com a sua rede organizacional, com sua superioridade moral e intelectual contra carcereiros analfabetos, e na sua libertação onde eles eram recebidos como heróis; a prisão atualmente enche a vida de prisioneiros modernos que são institucionalizados. Para os prisioneiros rebeldes são comuns as revistas corporais diárias, registros, a punição, o isolamento, espancamentos e torturas. Seguidos por visitas de psiquiatras e médicos (e sacerdotes, assistentes sociais, psicólogos, educadores ...) que reforçam a sua dependência a uma instituição que odeiam, que os destrói , mas eles não podem viver sem, pois são quem fornecem os farmacológicos e de uma rotina reguladora, despersonalizada a cada dia depois do outro. É um processo lento, insidioso, horrível pelo despercebido do fato de não estar cientes e que não há defesa contra ele. Um preso destes, uma vez em liberdade, se sente incapaz de enfrentar a vida em sociedade.

Vivemos uma época tremenda, vergonhosa, que entrará para a história como o tempo de um genocídio científico. O controle do comportamento é realizada por milhares de agentes de casacos brancos e doutorado universitário em criminologia, direito, medicina e psiquiatria. Eles sabem que o perfeição que a prisão é onde o prisioneiro é destruído. Eles sabem que no mesmo preso rebaixar moralmente, destruíram-se em troca de folha de pagamento e de escritório. Eles sabem que a prisão é reintegrar o preso, mas para educar aqueles que vivem fora de seus muros em conformismo, o cumprimento submissão e obediência a compreensão de que é recompensado

para o poder, não tendo nenhuma misericórdia e não trimestre com dissidentes. Eles sabem que a prisão não vai trazer o dano à vítima, ou prevenir o crime, ou garantir a liberdade da sociedade. Eles sabem disso e deveríamos saber.

Outros aspectos da dominação/prisão

Como já expliquei, já que os 80 medicamentos utilizados para controlar a população de prisão, além de tratamento com metadona, é conivente com a heroína. Prisões estaduais são o lar de um grande número

de viciados em drogas. Mais de 80% dos crimes contra a propriedade tem sua relação com as drogas. A dependência é principalmente psíquico. Impede respostas e impede anti-estradas prisão protesto. Então, quem é dependente de drogas

nunca jogar a vis a vis mecanismo de entrada ou qualquer outro de seus medicamentos. Seja respeitoso e obediente às regras. Esta é uma prisão arma básica conhecido e logicamente usado.

Além da heroína, a televisão é outro meio ideal para promover a passividade e deixar o tempo de descascar. A caixa de idiota significou a redução do tempo de leitura, incutir valores de consumo, degradante, machista e violento estão na ordem do dia.

Isto é complementado pela última fita colchão. Todos os pedidos são canalizados através do departamento competente, e como os burocratas são dedicados a dar tempo e enviá-lo de um lugar a outro em um jogo

ganso constante. Esta função entra na constelação de assistentes sociais, educadores e outros equipamentos.

Nestes tempos prisões estão transbordando por aumento da pobreza, a injustiça social e a criminalização das drogas, e isso leva a si mesmo é violar a lei de prisão em vigor, e é aí que o círculo perfeito é fechado o estruturas democráticas. Na supervisão prisão tribunal na prática legitimar a violação de direitos e arquivados suas reclamações, órgãos internos de auditoria com motim mídia

para evitar o contato com a realidade fora da prisão, nos sindicatos

praticantes de fornecer cobertura de abuso e tortura em equipamentos médicos

e associações profissionais que legitimam o extermínio através de AIDS, não distribuem seringas, que aceitam a superlotação, a superlotação, deficiências alimentares em alimentos que são também problemas de saúde em advogados, padres e pastores de prisão olhando para o outro esconder a terrível realidade ... E, como cereja, função ouvidorias com dados e catadores de arquivo descongestionar a cadeia de repressão. Um sistema quase perfeito de impunidade e hipocrisia.

Prisões servir uma missão de assassinato sistemático. 18% dos reclusos são portadores do vírus da AIDS (cerca de 12.000 prisioneiros em 2006), 4% têm a doença da AIDS em vários estágios (cerca de 3000), uma

de 41% sofrem de hepatite (cerca de 30.000), um 5% têm tuberculose ... E 25% de todas as doenças mentais. É uma paisagem desoladora de saúde. Muitos prisioneiros morrem no próximo ano produto doenças infecciosas de superlotação e más condições sanitárias. Aqueles que estão apenas caindo, ou morto, ou morrendo alguns dias depois e nenhum morto engrossar as estatísticas por trás das grades. Estas infecções ocorrem dentro das próprias prisões. Outras doenças como bronquite, pneumonia, produzir os seus efeitos sobre a saúde dos habitantes da prisão, eles devem dividir uma cela com três ou quatro pessoas. Sem exagerar o mínimo que podemos falar sobre a prisão e do século leprosário novo.

Há mais para ver os relatórios de associações de direitos humanos sobre as causas de mortes sob custódia do Estado espanhol. As causas que se repetem uma e outra vez são o enforcamento e overdose. Lendo os relatos de associações de direitos humanos como curioso pode ler casos como este, em 2001, considerou o suicídio: L.G.M. que cumpria prisão preventiva na prisão de Villabona (Asturias) morreu em 15 de abril de 2001, como resultado de ferimentos sofridos em um incêndio em sua cela. Quando ele morreu, L.G.M.

foi algemado pelas duas mãos para o berço celular: O relatório da Polícia Judiciária, realizado após a remoção do corpo ordenado pelo Tribunal, declarou: *"o corpo está no chão do quarto. Ambas as mãos são unidas por algemas e que estão enganchadas em um outro conjunto de algemas no meio. Um segurando a mão que vai colocar a outra na barra vertical da beliche "*. L.G.M. havia tentado suicídio no dia anterior

por enforcamento, pela razão dada para justificar a prisão que foi algemado.

Bem, muitos comentários e maravilha que alguém algemado à cama para queimar o celular. Devemos também introduzir um tempo no assunto dos custos de execução, jurídica e de saúde, alimentação oficiais, de prisão e de construção macro carceres novas. Milhões de euros são engolidos pela voracidade do seu sistema de defesa alegado. O tratamento de um paciente com AIDS, enquanto ele é assintomático é muito mais elevado do que o valor definido para cada seringa de dose e que impede a transmissão da epidemia. A hipocrisia, a loucura, idiotice, vingança, resíduos bitola estreita e moralizante, maldade, crueldade, ódio, são os valores que guiam a mão

do poder. Não é porque você remover a liberdade, mas você amontoados em uma cela com três ou quatro pessoas onde mal cabem dois, você transmitir doenças infecciosas, um clínico geral trata você se doente, você faz isso muito difícil de cuidar especialistas em saúde , induzi-lo a sofrer de doença mental, você fornecer os farmacológicos movê-lo sem centro de alerta enviando mil quilômetros se julgar adequado, punir sua família (que gastar uma fortuna em viagens, advogados, pagamento de passivo ...).

E corrupção. Não há números precisos disponíveis, mas garanto-vos, portanto, os próprios prisioneiros nas prisões é uma pilhagem real.

Você compra alimentos de menor qualidade que o estipulado. Miudezas para ração animal guisa acabar na prisão. Há especulações de os comissários. Eles compram notas, relatórios médicos, a passagem de drogas legais e ilegais. Ela explora-los em oficinas onde os presos trabalham por salários de miséria, em torno de 250 euros por mês, sem direitos sindicais.

A antiga prisão ou calabouço não tinha limites para além das paredes. Atualmente, o depósito não é só dedicado a pessoas em loja de artesanato perfeitamente desenhado, onde cada mercadoria tem seu lugar e prateleira. Regimes de reclusão e e controles impedem a mobilidade. Tudo é regulamentado, controlado e fechado. Não espaços na prisão, mas prisão dentro da prisão. Módulos isolados aumentam a eficácia da regra.

A população carcerária também mudou. Profissionalismo é perdido e não são só os especialistas (contrabandistas, assassinos, falsários, ladrões, etc). Atualmente os presos em sua maioria são de pequenos crimes, abusos de violência e de força (brigas, confrontos ...) geralmente atacam os setores mais indefesos e fracos produzindo um alarme social que alimenta o Poder e que é usado para aumentar sua dominação sobre o conjunto da sociedade.

Crime forma assim, parte do sistema autoritário, porque favorece o fechamento dos espaço e aumento dos níveis de hierarquia. Ele tende a criar a sociedade-cárcere, com altos níveis de submissão e dominação. O ideal de Poder, sua utopia, é a construção de uma prisão gigantesca em que toda a cidadania seja fechada, onde todos cumprem o papel atribuído conforme a necessidade sem se desviar um centímetro, onde são dominadas as vontades, pensamentos e sonhos. Muito importante, lembre-se: nenhuma prisão serve para controlar o prisioneiro, mas para controlá-lo, você, que

está fora dela.

Finalmente, eu afirmo que embora o aparelho controle do pensamento é empregado pelo Estado, em primeiro lugar para manter a multidão à distância, não se pode esquecer que os privilégios são baseados no aparelho de violência e coerção. Mas há esperança e rebelião. Os apagões em Nova York e Los Angeles, seguidos de maciços saques, são simplesmente formas de redistribuir a riqueza, demonstra que grande parte da sociedade não se identifica com o sistema capitalista , e a única coisa que impede que governantes, capitalistas e empresários acabem pendurados em um poste de luz, é o monopólio e domínio sobre a tecnologia armamentística e meios de repressão.